

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

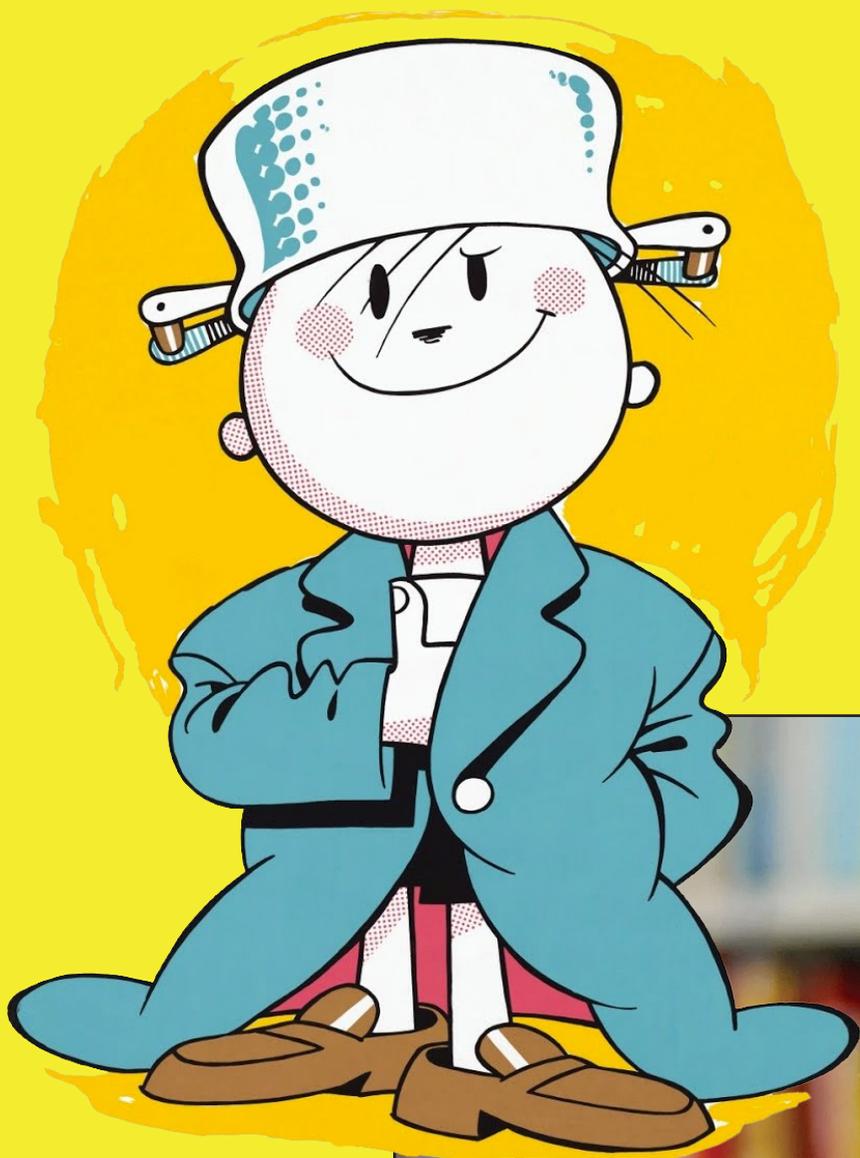
Número:

# 278

Mês: Abril

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00



## ZIRALDO, o bom menino

*Ciranda com Autores*, uma ação conjunta do Instituto Antares de Cultura com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que desde 2009 movimenta as escolas municipais, injetando ânimo e incentivo às aulas de português e literatura, terá como homenageado o cartunista e escritor Ziraldo.

(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



**J** Editorial

Um fator tem se revelado importante no momento em que se cuida da reforma do ensino médio. Ao mesmo tempo que cai a ideia da seriação, os livros tornam-se mais relevantes, e isso deve ser destacado. Mas há um obstáculo a ser transposto: a falta de laboratórios e bibliotecas. Não se compreende exatamente a razão, mas o fato concreto é que isso falta e o sistema se ressent. Como os alunos vão se virar? Há promessas infundáveis por parte do Ministério da Educação, mas a verdade é que essas promessas são cansativas, pois não resultam em nada prático. Temos a esperança de que o Brasil acorde com um novo e revolucionário ensino médio, que apresente amplas perspectivas de ser um sucesso. Pelo menos é o que se espera.

O editor.



ACADÊMICO  
ANTONIO CARLOS  
SECCHIN

O acadêmico Antônio Carlos Secchin apresentou o tema Memória e Desmemória da Semana de 22 no Ciclo Brasil Moderno, na Academia Brasileira de Letras. De acordo com Secchin, a palestra vai destacar os possíveis equívocos e mitos que giram em torno das memórias relacionadas à Semana de Arte Moderna e dar luz à veracidade dos fatos.

**J** Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: [institutoantares.info@gmail.com](mailto:institutoantares.info@gmail.com)

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** Antônio Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

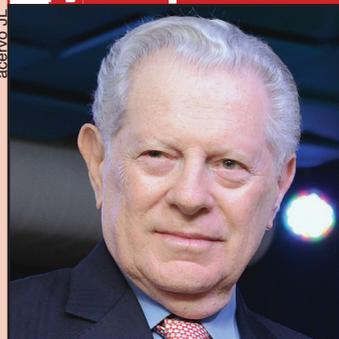
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** [www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

**J** Opinião

Arnaldo Niskier

**Inovações na ABL**

Não há dúvida de que a Academia Brasileira de Letras, por sua composição e a tradição de 125 anos, é hoje a principal instituição cultural do país. Com a sua nova diretoria, que tem à frente o jornalista Merval Pereira, promete trabalhar intensamente com muitas inovações, respeitada a sua diversidade, que se expressa na escolha dos seus novos imortais.

Teremos cursos e seminários ao longo do ano, inclusive a comemoração do bicentenário da Semana de Arte Moderna, entre outras efemérides. Segundo afirmou Merval, os tempos de pandemia limitaram nossas atividades, mas não impediram que refletíssemos nosso desprezo pela censura. Buscaremos a difusão da literatura em todos os recantos do país. “Vamos entregar livros junto com alimentos básicos aos afetados pelo desemprego ou pela crise financeira que abala o país” – afirmou o novo presidente, em seu discurso de posse.

Disse mais Merval: “A ABL se recusa a ser um local elitista, mas representa uma elite cultural que partilha com os cidadãos sentimentos de diversidade e inclusão. É a casa da concórdia, da aproximação. É a casa do entendimento, com a consciência de que a cultura ajuda a fortalecer uma nação. Esperamos que essa nova quadra das nossas vidas seja um tempo de reconstrução.

Nessa noite de posse, foi feita a entrega (há anos interrompida) do Prêmio Machado de Assis ao jornalista Ruy Castro, pelo seu conjunto de obras. Em resposta, o colunista da *Folha de São Paulo* discorreu sobre a importância do seu trabalho jornalístico, e foi muito aplaudido.

A cerimônia foi encerrada com a apresentação da cravista Rosana Lancelotti. Entre os seus números, houve a exibição de músicas de Ernesto Nazareth.

Já na semana seguinte, a ABL iniciou a série de cursos (entrada franca) prometidos pelo novo presidente. O acadêmico Antônio Carlos Secchin, com a competência de sempre, discorreu sobre a Semana de Arte Moderna de 1922. Situou na efeméride nomes como Di Cavalcanti, Carlos Drummond de Andrade e Menotti del Pichia, entre outros. Foi aplaudido demoradamente pela plateia que lotou o Teatro R. Magalhães Jr.

“O tempo é o que nos enlaça, mas também é o que nos limita.”

Sandra Niskier Flanzer

“Podemos escolher recuar em direção à segurança ou avançar em direção ao crescimento.

A opção pelo crescimento tem que ser feita repetidas vezes.

E o medo tem que ser superado a cada momento.”

Abraham Maslow

# Renovação na ABL

Aos 125 anos, a Academia Brasileira de Letras (ABL) iniciou com vigor uma nova etapa, com a posse da diretoria eleita para o exercício de 2022. A cerimônia, que antes era realizada de forma simplificada, aconteceu em sessão solene no Petit Trianon, modelo inédito nos últimos anos. Durante a celebração, também foi entregue o Prêmio Machado de Assis de 2021 a Ruy Castro pelo conjunto da obra.

No salão lotado, imunizada e sem a obrigação de usar máscaras, a chapa composta por Merval Pereira como presidente; Nélida Piñon, secretária-geral; Joaquim Falcão, primeiro-secretário; Celso Lafer, segundo-secretário; e Evaldo Cabral de Mello como tesoureiro, assumiu com um olho no passado (considerando o aniversário da instituição) e outro no futuro (as renovações de seus membros, além do uso da tecnologia consolidado ao longo da pandemia).

Durante a pandemia, a ABL suspendeu suas atividades presenciais pela primeira vez em sua história. Entre março de 2020 e outubro de 2021, os acadêmicos ficaram em casa e se aperfeiçoaram nas ferramentas tecnológicas. Unindo a tradição à modernidade, fizeram *lives* e palestras on-line, além de reuniões por videoconferência.

Em seu discurso de posse, o acadêmico e jornalista Merval Pereira destacou o papel da Academia nos períodos de turbulência e sua importância para o equilíbrio da sociedade: “Esses dois anos tão difíceis que aparentemente vão ficando para trás nos mostram, porém, como podemos ter esperança na superação desse novo e triste desafio: a união de cidadãos nas democracias de todo o mundo na luta diária contra o mal. Tem sido assim na pandemia e será assim no repúdio à guerra. A Academia Brasileira de Letras é e sempre será uma trincheira a favor da Arte, mas também da Ciência e da Paz (...). Nós temos o importante papel na defesa da cultura brasileira num momento em que a cultura está muito maltratada. E também mais uma tarefa: lutar pela liberdade de expressão e contra a censura”, destacou.

Seguindo o ritual, o presidente Merval Pereira homenageou os acadêmicos que morreram nos últimos dois anos (Affonso Arinos de Mello Franco, Murilo Melo Filho, Tarcísio Padilha, Alfredo Bosi, Marco Maciel e Candido Mendes de Almeida) e deu boas-vindas aos recém-chegados: “Esta é uma dolorosa renovação que segue o ritmo natural da vida, a que estamos acostumados como instituição, que preserva seu passado e torna imortais pela lembrança de suas obras aqueles que se foram”, afirmou.

No discurso de agradecimento do Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra, Ruy Castro destacou a vocação da ABL para a sementeira e a colheita do aprendizado e do ensino: “De todas as instituições que têm como território de estudos o Brasil, ela é a instituição-síntese, porque, desde o começo, além dos ficcionistas, poetas e ensaístas, recebeu praticantes de todas as disciplinas. Ser premiado por ela redobra minha responsabilidade como escritor e como brasileiro.”

Em clima de renovação e ânimo revigorado com a retomada dos eventos presenciais, uma série de programas e projetos ao longo do ano prometem restabelecer o vigor da Casa de Machado, que se prepara para muitos desafios, como a recepção dos novos membros recém-eleitos. Todos terão um papel de destaque na nova fase. A atriz Fernanda Montenegro, por exemplo, fará leituras de Nelson Rodrigues no teatro da ABL. Além de Fernanda (que tomou posse no dia 25 de março), outros quatro acadêmicos se preparam para cerimônias distintas: o cantor Gilberto Gil, o médico Paulo Niemeyer, o jurista José Paulo Cavalcanti Filho e o economista Eduardo Gianetti.

Outra prioridade da nova diretoria é celebrar os 125 anos da ABL e outras efemérides marcantes, como o centenário da Semana de Arte Moderna, que ganhará um ciclo coordenado pelo acadêmico Geraldo Carneiro, e o bicentenário da Independência, cuja organização está a cargo do acadêmico José Murilo de Carvalho.

“Falar de uma instituição de 125 anos como a Academia Brasileira de Letras é necessariamente falar menos do passado e mais do seu futuro, que seguirá seu curso histórico como bastião da cultura brasileira, especialmente em tempos difíceis em que é preciso persistir para cumprir seu destino de distribuir conhecimento, valorizar a língua e a literatura nacional, sem abrir mão de compromissos sociais há muito inseridos na nossa história”, lembrou o presidente.

Fotos de arquivo ABL / Fotógrafo: Richam Samir



Foto oficial dos acadêmicos, na cerimônia de posse da nova diretoria.



O prefeito Eduardo Paes, entre o presidente Merval Pereira e os acadêmicos Evaldo Cabral de Melo, Nélida Piñon e Joaquim Falcão.



O premiado Ruy Castro com a acadêmica Rosiska de Oliveira entre o casal Arnaldo e Ruth Niskier.

● COM UMA unidade em Lisboa e outras dez no Brasil, a Livraria da Travessa se prepara para abrir sua terceira loja, em São Paulo. Localizada no Shopping Iguatemi, a nova unidade terá 300 m<sup>2</sup> e a inauguração está prevista para julho.

● O ACADÊMICO Adirson Vasconcelos, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, lançou a edição on-line da Enciclopédia *As Palavras mais Fortes da Língua Portuguesa*.

● MAIS DE 600 mil livros vão abastecer uma nova parceria para incentivar a leitura em família, num projeto da Editora Carochinha com o portal de conteúdo Ninhos do Brasil. Em formato exclusivo, eles estarão disponíveis em kits com produtos da marca “Ninho”, em pontos de venda das regiões Norte e Nordeste do Brasil, além de Rio de Janeiro e Minas Gerais.

● O PROFESSOR e escritor Francisco Grijó tomou posse na Academia Espírito-santense de Letras. Vai ocupar a cadeira 04, na vaga deixada pelo saudoso Aylton Bermudes.

● DEPOIS DE sete meses fechada para obras de restauração, com curadoria da Comissão de Patrimônio da Arquidiocese (sob a coordenação do Pe. Silmar Fernandes), reabriu a Igreja de São Cristóvão, construída há 397 anos.

● ATÉ O DIA 30 de abril, escritores brasileiros, residentes no Brasil ou não, maiores de 16 anos podem se inscrever para a Antologia Scortecchi 40 anos. Com o tema livre, cada autor poderá participar com um ou mais trabalhos, nos gêneros poesias, contos ou crônicas, em até seis páginas.

● A FILHA PRIMITIVA, de Vanessa Passos, venceu o 6º Prêmio Kindle de Literatura. A obra ganhou um contrato para versão impressa pelo Grupo Editorial Record e um prêmio de R\$ 50 mil, em dinheiro.

● A FUNDAÇÃO do Livro e Leitura de Ribeirão Preto criou um banco de talentos e está recebendo propostas de projetos culturais e currículos de profissionais de arte e cultura, aberto a todo o Brasil. O material pode ser enviado em formato digital para o e-mail [btfundacao@gmail.com](mailto:btfundacao@gmail.com), com o máximo de informações sobre o profissional e/ou proposta enviada.

● BRUMADINHO, O MAIOR DESASTRE HUMANITÁRIO DO BRASIL (Intrínseca),

de DANIELA ARBEX, reconstitui as primeiras 96 horas da tragédia em detalhes, além de acompanhar o andamento do processo na Justiça. Daniela Arbex é autora do best-seller *Holocausto Brasileiro*, premiado como melhor livro-reportagem de 2013 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

● OITAVO ROMANCE do autor português Valter Hugo Mãe, *As Doenças do Brasil* coloca a pessoa indígena no centro da narrativa.

● LANÇADO PELA Editora Letra Capital, a obra *A Expressão Idoíhu Anthropos em Jo 19,5 – A entronização do rei de Israel*, do Pe. Marcos André Menezes dos Santos.

● ELEITA A diretoria da Academia Brasileira de Educação para o biênio janeiro (2022) a dezembro (2023): Presidente: Paulo Alcantara Gomes; 1º Vice-Presidente: Delmo Ernesto Morani; Vice-Presidente: Pedro Augusto Flexa Ribeiro; Diretor Executivo: Marcelo Siqueira M. V. Mocarzel; Diretor Secretário: Sohaku Raimundo Cesar Bastos; Diretor de Patrimônio: José Carlos da Silva Portugal e Diretor Financeiro: Roberto Guimarães Boclin.

● DUAS ESCRITORAS brasileiras foram selecionadas para programas de desenvolvimento e apoio a escritores no exterior: Fernanda Hamann, para a bolsa Criar Lusofonia, em Portugal, e Zana Bonafe para o First Chapter, nos Emirados Árabes.

● Em seu oitavo livro – *Fundo do Poço* (Ed. Melhoramentos), Cris Guerra faz uma narrativa comvente e bem-humorada sobre a própria trajetória.

● DIÁRIO CONFSSIONAL, obra organizada por Manuel da Costa Pinto para a Companhia das Letras, reúne cadernos inéditos de Oswald de Andrade, um dos protagonistas do modernismo.

● DEPOIS DE Stillness In Time, álbum lançado em 2021, o saxofonista Desidério Lázaro acaba de apresentar o primeiro single Morning Hum, disponível em todas as plataformas de streaming.

● ANDRÉ PALME, diretor-geral do aplicativo de entretenimento em áudio Storytel no Brasil, lançou a Newsletter PALME, com distribuição gratuita e periodicidade mensal, dirigida à indústria de áudio digital.

● PUBLICADO PELA Rocco, *Os Espectadores*, de Jennifer duBois, cria um recorte da recente histó-

## LITERATURA CANINA



ria cultural americana, do apogeu do movimento gay nos anos 1970 à crise da Aids, nos anos 1980, passando pelos bastidores da televisão em uma época de pânico moral.

● EM CAMPOS ideológicos opostos, o ex-presidente Lula e o ex-juiz Sergio Moro, ambos presidenciáveis, se encontram na Lista Nielsen Publish News, que apura os livros de autores nacionais mais vendidos em livrarias, supermercados e lojas de autoatendimento do Brasil.

● O BOM DOUTOR DE VARSÓVIA, livro de Elisabeth Gifford publicado pela Jangada, com tradução de Denise de Carvalho Rocha, é inspirado na história de um médico que salvou milhares de vidas durante a Segunda Guerra Mundial.

● A EDITORA Record publicou *O Antimodernista: Graciliano e 1922*, reunião dos textos que Graciliano Ramos escreveu trazendo a herança do modernismo de um ponto de vista crítico.

● A EDITORA Novo Século publicou *Um Segredo em Provence*, romance de Walter Barbosa, vencedor do concurso Talentos da Literatura Brasileira de 2020.

● NO LIVRO *Como Contar Histórias para Crianças* (Ed. Melhoramentos), os professores Silke Rose West e Joseph Sarosy propõem análises do fortalecimento de laços íntimos entre pais e filhos na prática de contação de histórias infantis.

● *TRANSFORME SEUS HÁBITOS E SUA VIDA* (Ed. Astral Cultural), de Fumio Sasaki, ensina o leitor a quebrar círculos nocivos para se livrar de comportamentos que não fazem bem.

● *LIVREIROS DO NOVO MUNDO: DE BRIANÇON AO RIO DE JANEIRO*, de Jean-Jacques Bompard, publicado em coedição entre a Editora Unesp, Edusp e Editora da Unicamp, conta a aventura de alguns comerciantes franceses que se tornaram livreiros em Portugal, no século XVIII, onde ocuparam posição de destaque no universo do livro.

● QUASE APÓS 30 anos do lançamento de *Admirável Mundo Novo*, o inglês Aldous Huxley publicou *Retorno ao Admirável Mundo Novo* (Biblioteca Azul), avaliando as previsões de sua obra original.

● A HISTÓRIA de *Continuem Dizendo seus Nomes*, de Simon Stranger, traduzido para a Editora Rua do Sabão por Leonardo Pinto Silva, tem a ocupação nazista à Noruega como cenário.

● ATÉ O DIA 31 de julho, estarão abertas as inscrições para a terceira edição do Prêmio Literário Afeigraf (Associação dos Agentes de Fornecedores de Equipamentos e Insumos para a Indústria Gráfica), na categoria Poesia.

● ROMANCE DE estreia de Sarah Pearse, *O Sanatório* (Ed. Intrínseca) explora os elementos clássicos das tramas de suspense de forma inovadora.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Pizza ruim

“Mariana pediu uma pizza grande de mussarela.”  
Essa pizza esfriou...

**Muçarela** vem do italiano **muzzarela**. Ao ser apor-  
tuguesada, os dois **zz** passam a ser **ç**, logo, **muçarela**.

Frase correta: “Mariana pediu uma pizza grande  
de **muçarela**.”



## Regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo **cus-  
tar**:

a – no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição **a**.

Ex.: “**Custou ao** mecânico para entender o problema do carro.”

b – no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “O apartamento **custou-me** todas as economias.”

c – no sentido de ter valor de, ter o preço: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “Mansões **custam** caro.”

## Existência

“Ela só precisa ezistir para me completar.”

Acho que ela nunca existirá. **Existir** se escreve com **x**, embora tenha som de **z** ao  
ser pronunciado.

Frase correta: “Ela só precisa **existir** para me completar.”

## Você precisa saber

Expressões de reverência e suas aplicações:

**Vossa Senhoria, Sua Senhoria (V.S<sup>a</sup>, S.S<sup>a</sup>)** – funcionários públicos graduados ofi-  
ciais até coronel, pessoas de cerimônia.

**Vossa Eminência, Sua Eminência (V.Em<sup>a</sup>, S.Eminência)** – Cardeais.

**Vossa Alteza, Sua Alteza (V.A., S.A.)** – Príncipes, arquidukes, duques.

**Vossa Majestade, Sua Majestade (V.M., S.M.)** – Reis, imperadores.

**Vossa Excelência, Sua Excelência (V. Ex<sup>a</sup>, S. Ex<sup>a</sup>)** – Altas autoridades do governo  
e classes armadas.

**Vossa Paternidade, Sua Paternidade Abade (V.P, S.P)** – Superiores de convento.

**Vossa Magnificência, Sua Magnificência (V. Mag<sup>a</sup>, S. Mag<sup>a</sup>)** – Reitores de univer-  
sidades.

**Vossa Excelência Reverendíssima (V.Ex<sup>a</sup> Revm<sup>a</sup>, S. Ex<sup>a</sup> Revm<sup>a</sup>)** – Bispos e arce-  
bispos.

**Vossa Reverendíssima (V. Revm<sup>a</sup>)** – Sacerdotes em geral.

**Vossa Santidade, Sua Santidade (V.S., S.S.)** – Papas.

## Quando devo usar “te” ou “ti”?

Não há coração apaixonado que não se desencante com uma declaração de amor  
do tipo “Eu ti amo”.

Não se enganem mais ao empregar os pronomes oblíquos **te** e **ti**.

A forma **ti**, com “i”, é **tônica**, já a forma **te**, com “e”, é **átona**.

Não ajudou muito, não foi? Vamos tentar esclarecer de outro modo. **Ti** sempre é  
acompanhada de **preposições (a, contra, de, em, por etc.)**. O mesmo não ocorre com **te**.  
Exemplo: Eu **te** amo e Eu amo a **ti**.

## Aquém de X além de

Renato quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem:

“O valor da cômoda estava além de seu preço, mas Renato pagou mesmo assim.”

Veja: **além de** = acima de, superior.

“O valor da cômoda estava aquém de seu preço, mas Renato pagou mesmo  
assim.”

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior.

Esperamos que a próxima compra da Renato seja bem equilibrada.

## Pequena moto

“Lívia queria uma miniatura da moto de seu  
pai, ela queria a motinha.”

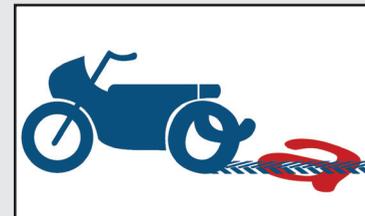
Não vai ganhar!

O diminutivo de **moto** é **motinho**.

Frase correta: “Lívia queria uma miniatura da  
moto de seu pai, ela queria a **motinho**.”

Em tempo: o mesmo acontece com a expres-  
são popular “fotinha”. O diminutivo de **foto** é **fotinho**.

Não esqueça: na hora da selfie (ou autorretrato), não esqueça de verificar o foco  
da sua **fotinho**.



# Vozes femininas de há muito

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Enquanto as atenções se voltam avidamente para a busca de vozes exóticas  
(providência, aliás, necessária para a renovação das ideias), podem perder-se outras,  
tão interessantes quanto, e que podem ter algo de relevante a nos dizer. O fato é que, na  
Literatura, a voz feminina vem de há muito, e mesmo se revelando ao longo dos tempos  
em menor quantidade, nada fica a dever em termos de qualidade.

Tome-se o exemplo de autora hoje pouco conhecida, de família abastada, mas  
que sofreu na pele de maneira intensa os problemas – sociais e políticos – da sua época:  
Dona Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, que ficou na história literária  
como Marquesa de Alorna. Seus escritos foram reunidos e comentados por Hernâni  
Cidade, estando publicados em dois volumes da Editora Sá da Costa. Pelo conteúdo das  
obras, fica-se a conhecer a expressão e o pensamento, lírico e político, de uma mulher  
vivamente influenciada pelo espírito da época – a segunda metade do século XVIII,  
quando as “Luzes” faziam ir abaixo o imaginário reinante, e a primeira metade do século  
XIX, em que se viam em confronto as ideias de Tradição e de Revolução.

Presas desde tenra idade no bojo do célebre Processo dos Távoras, movido aos  
pretensos autores do atentado ao rei D. José I, só com a morte deste foram-lhe abertos os  
portões do cárcere. O tempo de clausura num convento – longos 18 anos – Leonor utili-  
zou para se ilustrar, escrever, discutir ideias filosóficas e políticas, que lhe possibilitariam  
intervir no intrincado quadro das relações políticas e diplomáticas que desaguiariam na  
invasão da Europa por Napoleão Bonaparte. Atividade esta que, adiante, a levaria ao  
exílio na Inglaterra por quase dez anos.

Uma vida atribulada pelo ativismo político e as dificuldades do cotidiano, inclusi-  
ve as de ordem financeira, não afastou de Leonor o cultivo do espírito – gosto que, a par  
da queda natural, adquirira na clausura. Ali atraiu a atenção de árcades que, liderados  
por Filinto Elísio, iam com ela dialogar por entre as grades do convento. Por essa época  
recebeu o pseudônimo de Alcipe, e as suas Poesias de Chelas (do nome do convento onde  
esteve encarcerada em Lisboa) colheram grande fama. Desta fase, diz Hernâni Cidade  
que, “longe de repetir os temas gratos ao arcadismo em que é educada, os encontra no  
drama da sua própria vida de enclausurada” (CIDADE, Hernâni. Marquesa de Alorna:

Poesias. Lisboa: Sá da Costa, 1941). Daí, desse intimismo, revestido também  
do interesse desper-  
tado pela condição  
de prisioneira políti-  
ca, a atenção que os  
seus escritos líricos  
podem ainda anga-  
riar. É desta época a  
canção que dedicou  
“Ao Despotismo”:  
“Contra a luz da jus-  
tiça, tremulando/  
Assustados os vícios  
se arremessam/ A  
máscara rasgan-  
do...”

Ativa, cui-  
dou, no início da  
viuvez, retirada nas  
terras da família, da  
educação de jovens  
“provendo nas  
raparigas da terra  
a aprendizagem da  
leitura e dos labores”  
(CIDADE, idem). O  
seu salão frequen-  
taria, entre muitos  
outros, Alexandre  
Herculano.

Sobretudo o  
exemplo de pendor literário em tempos – e condições pessoais – tão atribuladas, deve-  
riam reacender no público leitor o interesse pela autora. De quem colho, quase como  
epígrafe a sua obra, que: “Com palavras e ideias todo o globo/ Corre depressa aquele  
que conversa.”



Dona Leonor de Almeida de Portugal, a Marquesa de Alorna.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

**RENAN FERREIRINHA**

# Programa reforço Rio da SME

**Arnaldo Niskier:** Hoje vamos ouvir, com muito prazer, o secretário municipal de Educação do Rio de Janeiro, professor Renan Ferreirinha. Ele é um estudioso da educação, é formado em ciência política e economia na Universidade de Harvard e tem feito um belo trabalho de renovação da educação na sua secretaria. Como estão as providências para a retomada do ritmo normal dos trabalhos na Secretaria Municipal de Educação?

**Renan Ferreirinha:** É importante deixar claro que estamos falando da maior Secretaria Municipal de Educação do Brasil em número de escolas próprias. Temos 1.543 escolas municipais na cidade do Rio de Janeiro...

**Arnaldo Niskier:** Diria a você que ouvi essa frase da professora Terezinha Saraiva, que foi grande secretária municipal de Educação também, mais de uma vez, e tinha muito orgulho dessa liderança da sua secretaria.

**Renan Ferreirinha:** A professora Terezinha é grande referência para a educação brasileira, educação carioca e é grande responsabilidade termos esse posto de maior rede municipal da América Latina em número de escolas. Temos essa quantidade de mais de 1.500, quase 700 mil alunos, inúmeros responsáveis e é uma rede muito especial, uma rede que tem uma sede de conhecimento, instituições que buscam sempre o aprendizado. A pandemia foi muito forte na educação. Precisamos reconhecer que uma tragédia silenciosa aconteceu na educação nesses últimos dois anos. Primeiro o poder público demorou muito para conseguir reagir. O poder público optou, e a sociedade brasileira também optou por manter as escolas fechadas muito mais tempo do que deveria. Não deveria e não poderia ter demorado tanto. As escolas são insubstituíveis na sociedade, até porque, se não for a escola é o quê? O que fica de alternativa para nossas crianças e jovens? Muitas vezes o que resta são caminhos indesejáveis, o caminho do trabalho infantil, da gravidez precoce, do poder paralelo, do tráfico. Não são os caminhos que desejamos para nossas crianças. O que desejamos é o caminho do conhecimento. A escola precisa estar funcionando e aqui, no Rio de Janeiro, colocamos como mantra que a escola deve ser a última a fechar e a primeira a reabrir durante esse processo. Começamos assim que assumimos, em janeiro de 2021, quando o prefeito Eduardo Paes volta para a Prefeitura e me convida para ser secretário de Educação. Começamos esse trabalho de retomada das atividades presenciais em segurança, com responsabilidade, investindo nas escolas, para que as mudanças na infraestrutura pudessem acontecer e as escolas tivessem sua infraestrutura de maneira adequada. Compramos insumos necessários e, acima de tudo, fazendo um grande programa de recuperação de aprendizagem, de reforço escolar. Isso é vital para que possamos sair desse momento tão complicado na educação.

**Arnaldo Niskier:** Esse reforço escolar já está sendo feito?

**Renan Ferreirinha:** Sim, temos o programa “Reforço Rio”, que inclui diferentes estratégias de reforço escolar. Há uma formação específica para nossos professores sobre o que deve ser uma aula de reforço, que não é como outra aula de novos conteúdos. Também temos, dentro da própria carga horária, maior disponibilização de estagiárias ou de pessoas ajudando nesse processo. Estamos passando pelo processo de contratação de mais estagiárias para ajudá-los e pela estruturação do contraturno, que é a expansão para alguns alunos que estão precisando mais. Essa necessidade ficou clara ao longo de 2021, para que consigam ter maior foco onde mais precisam e, para isso, precisamos conseguir fazer avaliações periódicas, que é o que conseguimos voltar a realizar. Todo bimestre temos avaliações de rede, não com intuito de sair ranqueando, comparando. Não queremos isso, o que queremos é saber onde que o aluno está tendo mais dificuldade e como nós, enquanto secretaria, profissionais, professores, conseguimos ser mais efetivos para corrigir essas lacunas de conhecimento.

**Arnaldo Niskier:** A expressão contraturno está muito em voga hoje em dia. Gostaria de um pouco mais de explicação sobre o que é o contraturno.

**Renan Ferreirinha:** Acredito muito numa educação integral, educação que ocupe o tempo inteiro do aluno. Particularmente tive minha vida transformada por oportuni-

des como essa, sou de São Gonçalo, periferia do Rio, fui estudar numa escola pública de qualidade, o Colégio Militar, que oferecia diferentes atividades no contraturno. O que é isso? Estudava pela manhã e, à tarde, tinha esporte, aula de xadrez, liderança, atividades comunitárias, grêmios estudantil. É movimentar a escola de forma que o aluno possa interagir, tanto pela manhã quanto à tarde, o máximo de tempo possível. Estamos trabalhando muito, no Rio de Janeiro, para atingir uma marca muito expressiva de educação de turno único, nossos alunos estudando durante a carga horária estabelecida tanto de manhã quanto de tarde. Hoje, em torno de 30% dos nossos alunos estão estudando turno único. Nossa meta é chegar até 2024 em pelo menos metade das nossas matrículas em turno único. Em relação aos outros alunos que não estão tendo essa possibilidade, precisamos avançar com as ofertas do contraturno, que é o turno em que o aluno não está estudando. Precisamos fazer com que o reforço escolar seja desejado pelas famílias e pelos alunos e utilizado por eles; e que nós, enquanto rede municipal, possamos oferecer isso com qualidade. É nosso grande desafio nesse momento de pandemia.

**Arnaldo Niskier:** Li outro dia no jornal Folha de São Paulo que o contraturno em São Paulo vai ser muito utilizado para o reforço nas aulas de Matemática. Você pensa em fazer algo parecido aqui, no Rio de Janeiro?

**Renan Ferreirinha:** Com certeza. Nossos dois grandes pilares de reforço escolar e pilares pedagógicos acabam sendo na Matemática e na leitura, na Língua Portuguesa. Na Matemática, além do reforço, criamos também a Olimpíada Carioca de Matemática, a OCM. Sou fruto dessas olimpíadas de Matemática. Fiz a Olimpíada Brasileira de Matemática das escolas públicas, que transformou minha vida, foi aí que comecei a conhecer pessoas de outros estados, a considerar alçar voos maiores, como estudar fora com bolsa integral, por necessidade financeira, que foi meu caso, quando fui para Harvard. Essas olimpíadas são muito importantes para conseguirmos expandir os horizontes dos nossos alunos. Criamos a OCM e, na primeira edição, tivemos mais de 300 mil alunos participando. Temos entre as premiações uma viagem para a Disney e para a Nasa, para os alunos mais bem colocados. São os filhos da escola pública, os filhos do asfalto, do povo, da periferia, de onde for do Rio de Janeiro, chegando na Disney, chegando na Nasa, sonhando grande. E, na parte de leitura, voltamos a ter parcerias muito estratégicas com diferentes eventos, cirandas pela nossa cidade. O maior destaque aqui para a Bienal, que voltou a ser uma parceira estratégica da prefeitura, através da Secretaria de Educação. Estamos fazendo agora também uma atuação muito forte com Escolas de Samba, através de festivais literários, tem a FLIPortela.

**Arnaldo Niskier:** A falta do carnaval atrapalhou seus planos?

**Renan Ferreirinha:** Não. Conseguimos organizar de maneira que fosse também culturalmente relevante para isso, para que a educação através da leitura conseguisse ter esse carro-chefe também nas nossas escolas, sem contar outros grandes parceiros. Estamos nessa cidade que, para a matemática, tem o IMPA, que é um dos principais institutos de Matemática do mundo e, na parte de leitura, temos a ABL – Academia Brasileira de Letras – que tem uma importância secular no nosso país e estamos conversando para parcerias muito importantes com a nossa rede.

**Arnaldo Niskier:** Isso vai acontecer, porque é bom para os dois. Bom negócio é quando é bom para os dois lados e, felizmente, esse é o caso. Quería que você contasse um pouco como foi sua experiência em Harvard. Não é todo brasileiro que tem esse privilégio de estudar em Harvard. Você fez dois cursos superiores naquela importante universidade americana. Como foi essa experiência?

**Renan Ferreirinha:** Primeiro foi uma mudança térmica muito forte, imagine eu, de São Gonçalo, quase a Bangu da região metropolitana, pegando 40° e indo para -20°, uma mudança de termômetro bastante significativa, mas foi uma experiência fantástica. Fiz amigos, estudei, na minha turma, na minha classe (que se formou comigo entre os 1.500, 1.600 alunos naquele ano que me formei, em Harvard) com alunos de mais de 75 nacionalidades. Estudava com americanos e amigos do Zimbábue, amigos de Cingapura ao Haiti. Então, essa experiência multicultural foi

muito importante para mim. Também foi ali que tive uma exposição muito forte acadêmica a diferentes assuntos que passaram a ser prioritários para mim: ciência política, políticas educacionais, economia como um todo. Entendi que queria trabalhar com políticas públicas em educação. Quando falei para minha mãe (professora aposentada da rede de São Gonçalo) que queria trabalhar com educação, ela achou que isso queria dizer que eu seria professor.

**Arnaldo Niskier:** Você tem tido todo apoio do prefeito Eduardo Paes, porque ele pensa da mesma forma.

**Renan Ferreirinha:** Com certeza. Tinha encontrado o prefeito Eduardo Paes três vezes na minha vida, antes de receber o convite. Tínhamos uma relação de admiração, de muitas pessoas em comum. Quando ele me fez esse convite inesperado, naquele momento, fomos conversar e alinhamos também muito da nossa visão de educação, nesse momento de pandemia, até no que diz respeito à priorização das escolas, funcionamento das escolas, da criança, do aluno. Tem sido um grande prazer trabalhar com uma pessoa que é um grande gestor público, uma pessoa completamente apaixonada pela nossa cidade, um carioca nato que consegue fazer com que nosso Rio de Janeiro volte a sonhar grande, volte a dar certo.

**Arnaldo Niskier:** E acho que está conseguindo, porque a imagem dele, de modo geral, como prefeito é muito boa e sua ajuda no campo da educação tem sido fundamental. Na sua biografia, consta a expressão “Formigueiro”. O que quer dizer isso?

**Renan Ferreirinha:** Formigueiro foi uma experiência fantástica que comecei com alguns amigos, em 2013, que foi fruto de ações que já tínhamos, comunitárias, de trabalho social. Percebemos que várias organizações não tinham meios para conseguir arcar com as despesas pequenas e que precisavam de ajuda para financiar seus projetos. Definimos que queríamos criar a primeira plataforma de financiamento coletivo totalmente voltada para a educação no Brasil. Isso foi o Formigueiro, que durante três anos conseguiu financiar dezenas de projetos pelo país, ajudando projetos que precisavam de pequenas doações e tinham uma rápida execução e uma larga escala de impacto. Basicamente conectávamos, como toda plataforma de financiamento coletivo, projetos que precisavam de ajuda com pessoas que tinham sensibilidade com aquela causa. Foi uma experiência incrível, que me mostrou um pouco sobre empreendedorismo social, sobre a importância de boas causas e que me levou a atuar na educação de maneira muito ativa. Depois veio a macroeducação, mais voltada para políticas públicas e depois o discernimento. Mais do que influenciar quem segura a caneta sobre quais são os principais projetos que têm que avançar, por que não segurarmos a caneta? Por que não nos colocamos à disposição, como candidato, e aumentamos também esse nível de debate sobre a educação?

**Arnaldo Niskier:** A Ciranda dos Livros é um projeto muito bonito da sua secretaria que parece estar em vias de ser ressuscitado. Qual sua opinião a respeito?

**Renan Ferreirinha:** Esse é um dos projetos mais bacanas que fazem parte da nossa estratégia de fazer do Rio uma cidade de leitores. Acreditamos que isso é um pilar fundamental da nossa gestão, com a retomada da parceria com a Bienal, a Ciranda dos Livros, envolvendo a Academia Brasileira de Letras. Então, temos um trabalho de aproximar nossas crianças, nossos alunos para a prática da leitura. Todo carioca é convidado a ser um leitor, convidado a ser exposto a literatura nas suas diferentes formas. Estamos muito abertos a isso e acreditamos que o Rio tem muita vocação para ser uma cidade de leitores e liderar esse debate a nível nacional. Comparado com outros países, deixamos muito a desejar no que diz respeito à leitura. Temos que incentivar, expor nossos alunos a diferentes narrativas, diferentes opções de leitura, para que consigamos, acima de tudo, criar esse belo hábito que é ler. Lendo, viajamos, descobrimos, aprendemos e evoluímos.

**Arnaldo Niskier:** Educação de qualidade. O que é isso para você?

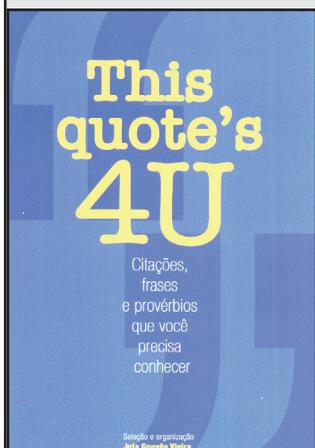
**Renan Ferreirinha:** Educação de qualidade para mim é uma educação que não abre mão de dois conceitos principais: a excelência, temos que nos nivelar por alto, a barra tem que subir; e a equidade, ou seja, ninguém pode ficar para trás. Numa rede como a nossa de 1.543 escolas, não adianta termos ilhas de excelência e escolas indo muito bem. A rede como um todo precisa avançar e, no nível da própria escola, é não deixarmos nenhum aluno para trás. É uma educação que envolve todos os alunos e cada um, com a sua especificidade, com a sua condição, desde nossos alunos que usufruem de educação especial, nossos alunos de altas habilidades, nossos alunos com suas diferentes aptidões, isso é muito importante. Essa é a grande tarefa, o grande desafio da escola pública: receber alunos de todas as condições, de todos os contextos sociais e entregar cidadãos preparados para a nossa sociedade, bem formados, com a base ética, com a base cultural, com a base educacional que possa fazer do Brasil o país que tanto sonhamos.

**Arnaldo Niskier:** É o que todos desejamos como educadores que somos. Você tem uma equipe muito boa, posso falar de cadeira, porque conheço muitas pessoas de sua equipe e sei da qualidade delas e, por isso, seus planos serão realizados, porque você tem equipe para isso. Sem equipe, não fazemos nada. Como você tem boa equipe, tenho certeza de que seus planos serão todos realizados com sucesso.

# J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## THIS QUOTE'S 4U

No livro *This Quote's 4U*, Jota Gouvêa Vieira reúne uma coleção de pensamentos, ditados populares, frases espirituosas, provérbios e outras citações antológicas que guardam, em si, lições de vida.

No prefácio, o jornalista e atual presidente da Academia Brasileira de Letras Merval Pereira recomenda a leitura, e afirma: “O livro que o Jota produziu tem justamente a intenção de apresentar um resumo da inteligência universal através de frases inteligentes, irônicas, que representam momentos inspiradores dos autores ou a cultura milenar através dos seus provérbios.”

A obra é dividida em grupos temáticos. A publicação não foi editada para fins comerciais: a intenção do autor foi organizar um livro com frases e citações que ele coleciona há anos para distribuir entre familiares e amigos. O título

foi inspirado na música *This note's for you*, do Neil Young, cujo título consiste em um trocadilho feito com o bordão *This Bud's for You*, de uma campanha publicitária de cerveja. Na onda da música *Let the Musica do the Talking*, do Aerosmith, cada capítulo foi intitulado com o nome de uma música que remete ao assunto tratado. O advogado e escritor Jorge Eduardo Gouvêa Vieira, nascido no Rio de Janeiro, em 1967, é também músico da banda cover de rock Skelters.

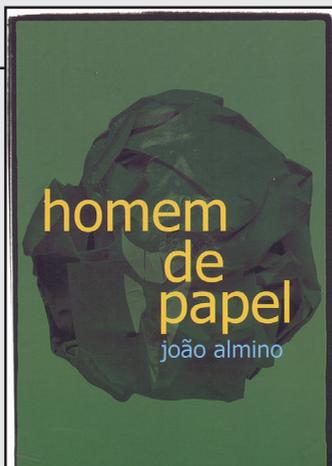
## HOMEM DE PAPEL

Movendo-se entre a farsa, a paródia, a sátira e a tragicomédia, João Almino lançou *Homem de Papel* (Ed. Record).

O conselheiro Aires, que preside os dois últimos romances de Machado de Assis, é o narrador e o protagonista do oitavo romance do acadêmico. Passando em revista esses tempos difíceis, o centro da ação se desloca do Catete e de Botafogo para Brasília, cidade que se encontra “invadida por antas, animal tipicamente nacional”, como faz questão de frisar.

Na orelha, o professor da USP Hélio Guimarães destaca o humor do texto, que aciona com maestria notas do cômico: “Neste que talvez seja o mais alusivo de todos os seus romances, João Almino não poupa ironia à vida literária, à academia, à política e à diplomacia. Entre o desespero e o riso, ressuscita o velho diplomata para nos perguntar ainda mais uma vez: ‘Que país é este?’ E, por tabela, que mundo e que tempo são estes em que sobrevivemos.”

João Almino nasceu em Mossoró, Rio Grande do Norte. Diplomata e um dos nomes mais importantes da literatura nacional atualmente, é membro da ABL desde 2017. Seus escritos de história e filosofia política são referência para os estudiosos do autoritarismo e da democracia.

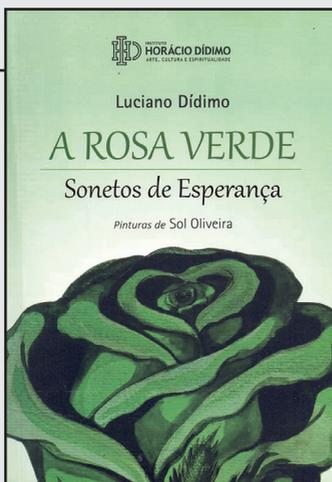


## A ROSA VERDE

Em *A Rosa Verde – Sonetos da Esperança*, Luciano Dídimo reuniu 50 sonetos em comemoração aos 50 anos de idade, completados no dia 22 de fevereiro de 2021.

Aliando erudição e leveza, com belíssimas ilustrações de Sol Oliveira, o autor planta os seus “poemas-sementes” direto no coração dos leitores, com o zelo poético característico de sua trajetória. Os sonetos são tecidos artesanalmente, com sintagmas que oferecem profundo conhecimento e sentido bíblico – Livro Sagrado que inspira a sonoridade de todos os versos. O singular estilo de Luciano Dídimo encontra consistência no total domínio da semântica e nas refinadas técnicas de versificação, revelando ao leitor o que há de evocativo em suas memórias afetivas. Na orelha, a escritora Zélia Sales compara os sonetos com orações: “A impressão que fica é que Dídimo redigiu cada soneto de *A Rosa Verde* como se fizesse uma prece. São poemas que falam de sementeira, de colheita e do amor em muitas de suas acepções. O autor burila cada verso com o esmero peculiar ao poeta parnasiano; no entanto, coloca-se como servo não apenas da ‘divina forma’, mas, acima de tudo, do Divino.”

Nascido em Fortaleza, no Ceará, em 1971, Luciano Dídimo é graduado em Administração e em Direito, e pós-graduado em Direito do Trabalho pela UNIDERP.



## O MEL E O FEL

*O Mel e o Fel*, publicado pela Editora Record, em 1998, de José Paulo Cavalcanti Filho, é uma daquelas pre-

ciósidades editoriais que merecem destaque.

No anteprefácio, assinado por Millôr Fernandes, o leitor já antecipa a multiplicidade do prazer lírico a ser despertado nas páginas da obra. O prefácio é assinado pelo saudoso acadêmico Ariano Suassuna, contendo palavras de profunda sensibilidade: “Foi dominado por profunda comoção que li e reli esses textos. E são identificações como estas que me fazem ler tudo o que José Paulo Cavalcanti Filho escreve não só com admiração de leitor, mas, sobretudo com a emoção e o imenso orgulho de ser seu amigo.”

Trata-se de um grande clássico de caráter universal primordial para quem aprecia a leitura. Os capítulos, de fácil entendimento, estimulam o leitor a pensar sobre temas que vão de O insolvente e o provisório, Os meios (de comunicação) justificam os fins?, Adeus, companheiros meus, Memórias de um tempo em que a política já não se faz com engenho e arte, Sem lei nem rei, A Arte de ver o passado e P.S. Baixa o pano. Conselheiro da Unesco e do Banco Mundial, ex-ministro da Justiça e membro da Academia Pernambucana de Letras, o advogado e escritor José Paulo Cavalcanti Filho é autor, entre outros livros, da biografia do poeta português Fernando Pessoa, intitulada *Fernando Pessoa, uma Quase Autobiografia*.



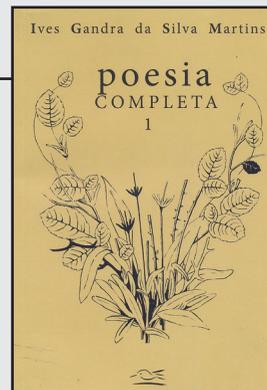
## POESIAS COMPLETAS

A Editora Resistência Cultural brindou os leitores, este ano, com o lançamento da poesia completa de Ives Gandra da Silva Martins, em dois caprichados volumes. O Livro I, com 750 páginas, traz prefácio do “príncipe dos poetas brasileiros”, Paulo Bonfim, que destaca a “boa hora” da chegada dessa robusta obra, num “momento de perplexidade e desalento em que o Brasil clama por um pouco de amor”. A apresentação é do pianista e maestro João Carlos Martins – irmão do poeta, que demonstra em palavras todo o orgulho do parentesco.

O primeiro volume traz, na íntegra, divididos em doze títulos, todos os poemas publicados pelo autor até o ano de 2014, de jovem estudante a um dos maiores juristas do país, revistos minuciosamente por ele, que considerou esta versão a definitiva, além de numerosos poemas inéditos, enfiados em Cicatrizes do tempo.

De 2014 até 2021, Ives Gandra publicou mais seis livros, aos quais ele acrescentou, neste segundo volume de *Poesia Completa*, o sétimo, com 30 Sonetos dedicados à mulher Ruth (19 foram escritos após o falecimento). O título diz tudo: *A Presença de Ruth Ausente*. A este segundo volume, foi acrescentado também uma peça teatral, escrita quando ele tinha 17 anos (*O Caçador Caçado*).

Um dos maiores juristas do país, Ives Gandra da Silva Martins nasceu em São Paulo, no dia 12 de fevereiro de 1935. Professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, é membro, entre outras instituições, da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia.

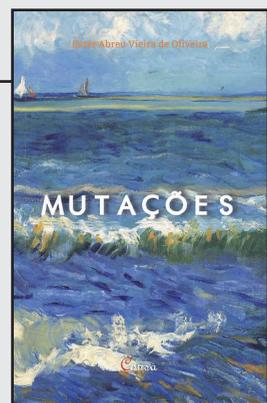


## MUTAÇÕES

Na obra *Mutações* (Ed. Cousa, 2021), Ester Abreu Vieira de Oliveira reúne “poemas que parecessem o mais plástico possível, sem aprofundamentos filosóficos”, que representassem o seu fazer poético.

Buscando a essência da poesia numa visão externa, recriada, seja mostrada numa realidade palpável, seja despertada por outra, criada em recordações, a obra reúne 31 poemas da autora.

No prólogo, o acadêmico Francisco Aurélio Ribeiro aponta para a luminosidade dos textos, citando Octavio Paz: “Octavio Paz nos diz que ‘poesia é testemunho dos sentidos’. E que esse testemunho é verídico, pois as imagens poéticas são palpáveis, visíveis e audíveis. Segundo ele, ‘a poesia é feita de palavras enlaçadas que emitem reflexões, vislumbres e nuances’. Assim devem ser lidos os poemas da querida Ester, com os olhos do espírito, procurando absorver as ilusões da realidade descrita, percorrendo os caminhos de sua andança poética, por mares, paisagens áridas e luminosas, ouvindo a música dos seus versos, sonhando com os seus devaneios e prostrando-nos diante da imagem de Cristo crucificado e da Virgem dolorosa.” Ester Abreu Vieira de Oliveira (Muqui, 1933), atual presidente da Academia Espírito-santense de Letras, é professora Emérita da Ufes e escritora premiada. Atua nas áreas de teatro, poesia e narrativa das literaturas brasileira e hispânica.



# A visibilidade de Isabela

Até o dia 3 de junho, com entrada franca, no Museu da Justiça do Rio de Janeiro, o público terá a oportunidade de visitar a concorrida exposição *Presenças Invisíveis*, idealizada pela artista plástica Isabela Francisco.

Inaugurada no mês em que celebramos o Dia Internacional da Mulher, a abertura da mostra contou com a presença do presidente do Tribunal de Justiça do Estado Henrique Figueira e da primeira dama do Estado Analine Castro, entre outras autoridades. A cerimônia também contou com o lançamento da obra *Metendo a Colher* – com a mesma temática de violência contra as mulheres – do desembargador Wagner Cinelli.

Fotos Felipe Cavalcanti



Vista do Tribunal do Juri com alguns lençóis pintados por mulheres da Casa Abrigo Lar das Mulheres.

O presidente do TJ desembargador Henrique Figueira, a mulher Inês Pedrosa e o desembargador Wagner Cinelli, que lançou seu livro *Metendo a Colher*.

O presidente do Tribunal de Justiça do Estado Henrique Figueira e primeira dama Analine Castro, além da curadora da exposição Isabela Francisco.



O casal Isabela e o desembargador Luiz Felipe Francisco.



Muito elogiada, a exposição é composta por trabalhos feitos por mulheres que sofreram violência doméstica e hoje vivem em abrigos. Um retrato triste e ao mesmo tempo um grito de socorro para o que acontece em nossa sociedade atualmente. A exibição foi realizada com o apoio do Rio Solidário e do Grupo Mulheres do Brasil, que comemora quatro anos.

Isabela Francisco conta que quis trazer visibilidade para a causa reunindo as obras em um lugar – hoje tombado – onde já aconteceram muitos júris sobre violência contra a mulher. “Quando conheci o abrigo, vi que poderia unir aquelas mulheres ao tribunal do júri”, afirmou.

Como o salão do I Tribunal do Júri é tombado, há restrições sobre pendurar quadros nas paredes, por exemplo. A criatividade da curadora logo fez surgir a ideia de desenvolver a arte sobre lençóis, símbolo forte e presente no universo de violência contra a mulher, sobretudo a doméstica. De grande impacto visual, as peças foram pintadas pelas mulheres abrigadas.

No Salão dos Passos Perdidos, espaço conjugado ao Tribunal, Isabela Francisco apresentará em breve um trabalho elaborado sobre cliques da fotógrafa Rosane Naylor, feitos durante as visitas à Casa Abrigo Lar da Mulher, quando as autoras realizaram as obras.

## O vendedor de livros

Por Jonas Rabinovitch\*

Ele andava de vila em vila com a sua estante móvel sobre rodas e seu cachorro de estimação. Em suas prateleiras havia livros de todos os tipos: comédias, dramas, romances, biografias, manuais, glossários, atlas, dicionários, livros sobre artes, história, ciências, poesias, livros sobre todos os assuntos em todos os tempos.

Havia livros que previam o futuro, outros que continham as histórias mais secretas que os seres menos discretos jamais contariam. Havia histórias sobre cada história de cada vida em cada vila. Havia livros de

fazer rir, outros de fazer chorar, todos de fazer pensar. Havia livros com receitas, piadas, poções mágicas, orações milagrosas, confissões inconfessáveis, segredos de quarto e de estado.

Um ambulante continente de tudo, registro akáshico, os Vedas e o Bhagavad Gita, a Torá e o Corão, palavras cruzadas e caminhos cruzados, o vendedor de livros tinha de tudo e revolia o infinito a cada esquina.

O que ninguém sabia é que ele já havia lido todos.  
E quando lhe perguntavam: o que há de novo?  
Ele apenas sorria e respondia: nada, tudo bem...

\*Jonas Rabinovitch é o conselheiro Sênior para Inovação e Gestão Pública da Organização das Nações Unidas em Nova York.

# Roberto Carlos outra vez

Por Manoela Ferrari

Neste primeiro volume da biografia *Roberto Carlos Outra Vez: 1941-1970* (Editora Record), Paulo Cesar de Araújo parte de extensa e minuciosa pesquisa em documentos, arquivos, acervos e depoimentos para narrar o começo da vida e da carreira daquele que é chamado de “Rei”, da infância de menino pobre no interior do Espírito Santo ao estrelato.

Pela profundidade e consistência do estudo, a quantidade de personagens históricos envolvidos, a vastidão do repertório musical citado e a extrema sensibilidade e conhecimento do autor sobre o protagonista, o livro vai além da biografia do artista mais popular da história da nossa música: trata-se também de um painel cultural do Brasil durante o período de formação do “Rei Roberto Carlos”, desde a infância, nos anos 1940, o início da carreira, na década seguinte, até sua consagração definitiva, na virada dos anos 1960 para 1970.

Autor de *Roberto Carlos em detalhes* (2006), alvo de disputa judicial que abriu caminho para a histórica decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a liberação de biografias não autorizadas, Paulo Cesar de Araújo volta ao seu biografado mais ilustre com esse livro, totalmente refeito, que faz um casamento muito original entre as canções mais conhecidas e cada etapa da vida do artista.

A obra é repleta de informações e histórias inéditas, curiosidades e detalhes incríveis, inclusive sobre como nasceram e foram gravados hits como Jesus Cristo, Sua estupidez, Quero que vá tudo pro inferno, É preciso saber viver, As curvas da estrada de Santos e Como é grande o meu amor por você.

Na página 137, um episódio que merece destaque. O autor explana as reuniões do grupo de artistas, de que também faziam parte Erasmo Carlos e Carlos Imperial, entre outros, quando foram criados os fundamentos da Jovem Guarda. O nome do nosso diretor-presidente, Arnaldo Niskier, na época diretor da revista *Sétimo Céu*, do Grupo Bloch, é citado com um fato que merece o devido registro histórico. Convidado pelo acadêmico para figurar numa das primeiras fotonovelas brasileiras, Roberto Carlos aceitou e foi o ator principal de Assim quis o destino. A empreitada foi plenamente vitoriosa e o registro não poderia deixar de ser apontado num estudo biográfico dessa relevância.

Reconhecido internacionalmente como um ícone romântico, a imagem que o livro compõe é a de um artista singular, capaz de influenciar o comportamento da juventude, nos anos 1960, e os rumos da música brasileira, impulsionando desde o movimento tropicalista de Caetano Veloso e Gilberto Gil até vertentes mais populares, como o brega e o sertanejo.

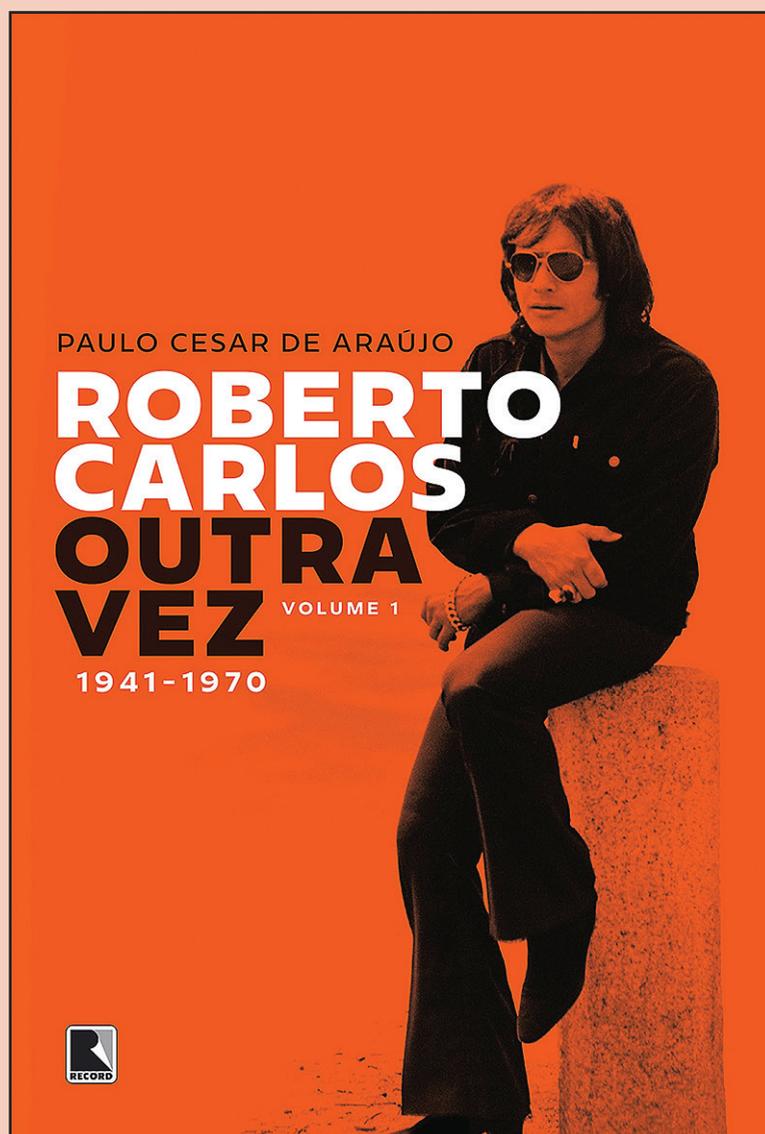
Nesse primeiro volume, vemos o jovem Roberto iniciando-se na bossa nova, depois astro do rock – dos musicais de televisão e do cinema. Com o parceiro Erasmo Carlos e outros que se tornariam grandes nomes da música, estabeleceu as bases para o rock nacional. A Jovem Guarda influenciaria o comportamento da juventude e a forma como a sua trilha sonora seria feita no país, alçando o cantor a um nível de sucesso inimaginável – “uma beatlemania à brasileira”, que provocaria debates, polêmicas e passeatas contra a guitarra. Até que, no início dos anos 1970, um novo Roberto começa a surgir – conforme poderá ser visto, em breve, no volume 2, traçando a trajetória humanizada de uma figura icônica e inseparável da vida de todos os brasileiros.

## O AUTOR



Paulo Cesar Araújo é professor da rede Faetec e da PUC-Rio.

Baiano de Vitória da Conquista, Paulo Cesar de Araújo, formado em história pela UFF e em jornalismo pela PUC-RJ, é cidadão honorário de Niterói/RJ, onde reside, desde 2007. Especialista em música popular brasileira, além de *Roberto Carlos em detalhes* (Planeta, 2006), é autor de *Eu não sou cachorro, não* (Record, 2002), obra que revelou a censura à música brega durante a ditadura militar. Escreveu também *O réu e o rei*, best-seller sobre o seu embate judicial com Roberto Carlos. Atualmente é professor da rede Faetec e do departamento de comunicação social da PUC-RJ.



# Ziraldo, o bom menino

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

O sistema de ensino ficou dois anos sem aulas presenciais, com educação à distância ou híbrida. No município do Rio, somamos 1.543 unidades de ensino e quase 670 mil alunos (669.504), do berçário ao ensino fundamental. A volta às aulas foi resultado de uma operação planejada desde o ano passado, com o levantamento das necessidades da rede, realização de licitações, contratações e gerenciamento para entregas de material pedagógico e uniformes.

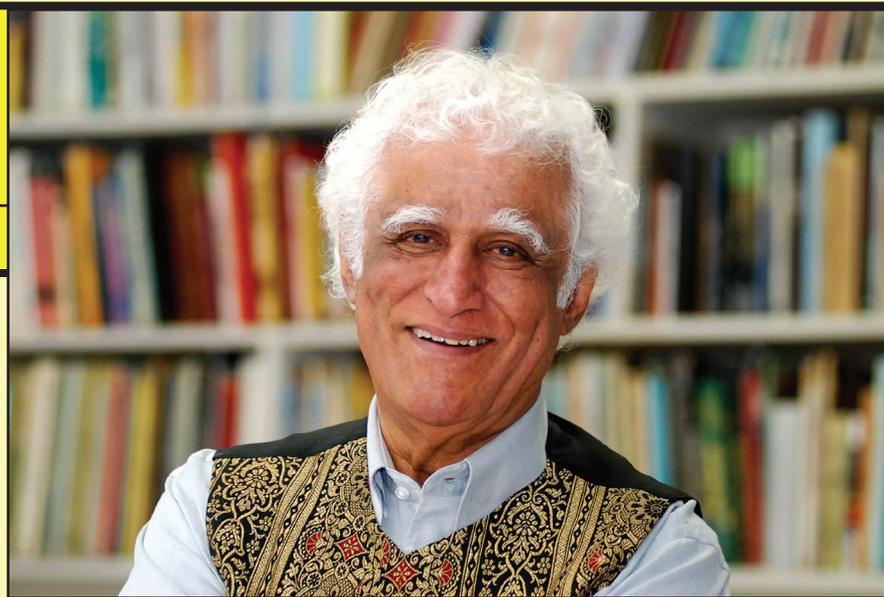
Uma das atividades de sucesso retomada este ano foi a “Ciranda com Autores”, uma ação conjunta do Instituto Antares de Cultura com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que desde 2009 movimenta as escolas municipais, injetando ânimo e incentivo às aulas de português e literatura. O vigor ao longo dos eventos anteriores reforçou a certeza de que a literatura acalenta e a escrita abre portas.

A Ciranda ensina o aprofundamento sobre a vida e a obra de um autor essencial, promovendo um concurso de redação abrangente, destinado aos estudantes do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da Rede municipal. Com os trabalhos que surgem ao longo da Maratona, os participantes estão diante da oportunidade de repensar os próprios comportamentos, valorizando a criatividade através da leitura e da escrita, compartilhando ideias, histórias e aventuras.

Ninguém melhor do que Ziraldo, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil, para retomar essa jornada. O humor e a crítica estão unidos na plasticidade de suas obras. Numa dessas conjunções de fatores favoráveis, a homenagem chega no ano em que ele completa 90 anos.

Um dos escritores infantis mais conhecidos do mundo, com obras traduzidas para diversos idiomas, Ziraldo é premiado pelo seu trabalho na literatura e no humor, atua intensamente na ilustração de livros, elaboração de materiais educativos, criação de charges, caricaturas e logos, como o ícone da ecologia apresentado na Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro. Com quase 200 obras publicadas, não faltará material para inspirar as redações.

O reconhecimento da importância e centralidade da educação e da cultura, tanto no desenvolvimento econômico, quanto na perspectiva do desenvolvimento humano, é inquestionável.

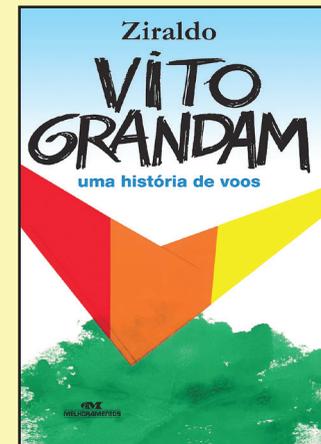
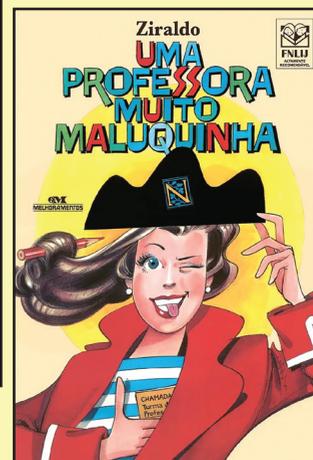
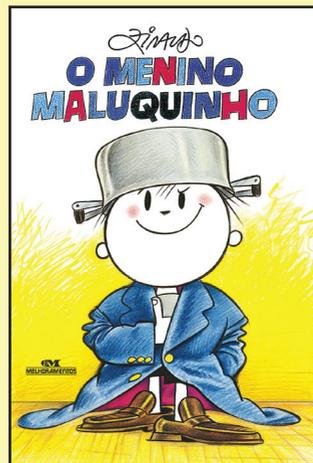
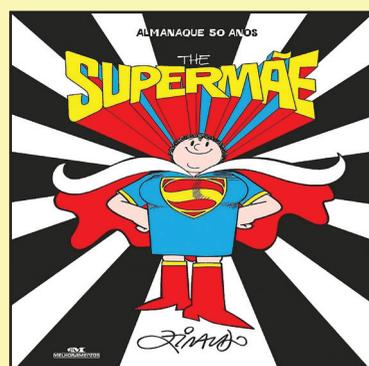
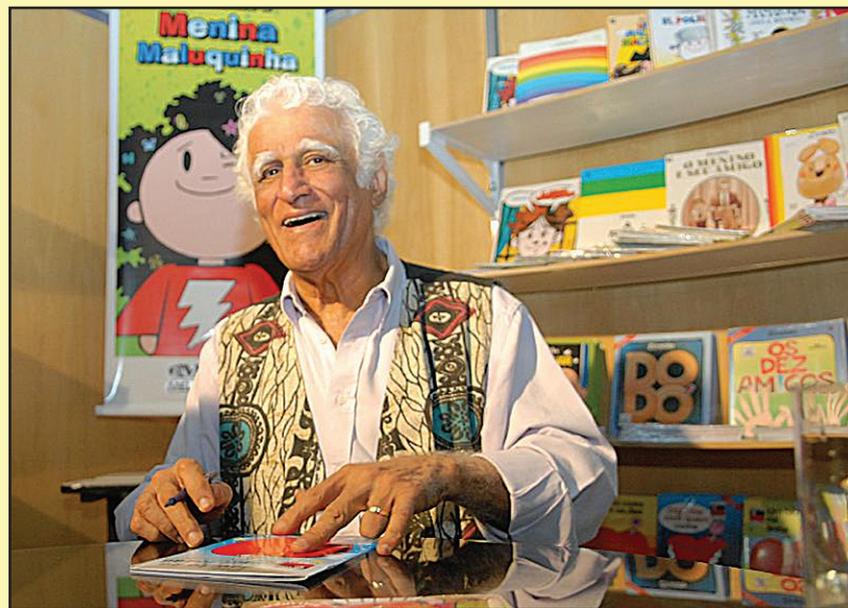


## O AUTOR

Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, Minas Gerais, no dia 24 de outubro de 1932. Todos têm curiosidade de saber a origem desse nome, tão diferente. A palavra surgiu da combinação dos nomes da mãe, Zizinha e o do pai Geraldo, que tiveram mais seis filhos, entre eles Zélio e Ziraldi. A prática de combinar sílabas dos nomes era comum entre as famílias de antigamente.

Desde criança, Ziraldo já mostrava talento para o desenho. Com seis anos, teve um desenho seu publicado no jornal *Folha de Minas*. Adulto, largou o diploma de Direito para dedicar-se ao desenho. Foi uma escolha impulsionada pelo talento incontestável.

Ziraldo estudou no Grupo Escolar Princesa Isabel. Em 1949, foi com a avó para o Rio de Janeiro, onde estudou por dois anos na MABE (Moderna Associação de Ensino). Em 1950, retornou para Caratinga e concluiu o científico no Colégio Nossa Senhora das Graças.



## CARREIRA

A carreira de Ziraldo começou na revista *Era Uma Vez*, quando fazia colaborações mensais. Em 1954, começou a trabalhar no jornal *Folha da Manhã* (hoje *Folha de S. Paulo*), desenhando em uma coluna de humor.

Depois de trabalhar na *Manchete Esportiva*, em 1957, foi para a revista *O Cruzeiro*, publicação de grande prestígio na época. Nesse mesmo ano, formou-se em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1958, casou-se com Vilma Gontijo (ficou casado até o ano 2000), com quem teve três filhos, Daniela, Antônio e Fabrícia. Depois, casou-se com Márcia Martins da Silva.

Em outubro de 1960, lançou a primeira revista brasileira de quadrinhos e colorida, de um só autor, intitulada *Pererê*. As histórias da revista já vinham sendo publicadas em cartuns nas páginas da revista *O Cruzeiro*, desde 1959.

As histórias se passavam na floresta fictícia Mata do Fundão. A publicação da revista durou até abril de 1964, quando foi suspensa. Em 1975, a revista foi relançada com o nome de *A Turma do Pererê*, mas só durou um ano.

Segundo o próprio Ziraldo em sua autobiografia, o “Pererê” era um dos símbolos da época. Um tempo em que se acreditava que, pelas ideias, poderia se mudar a história.

Hoje, as histórias do Pererê fazem parte da memória nacional, tendo marcado uma fase na história deste tipo de publicações no Brasil. Já foi citado, certa vez, que Ziraldo se inspirou nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, para criação de seus personagens.

Vivendo no Rio há mais e 50 anos, Ziraldo é carioca por adoção, adora visitar a Floresta da Tijuca e ver a paisagem carioca, desde Niterói. Para ele, o melhor da cidade são os cariocas, que o autor considera como uma “entidade”: “A alma da cidade.” De hábitos simples, quando viaja, o que mais sente falta é do “arroz e feijão”.

Recentemente, disse em entrevista: “A velhice é uma coisa que acontece de surpresa.”

O AVC, sofrido pelo cartunista em 2018, no Rio, pegou todos de surpresa, porque ele sempre teve boa saúde. Embora já tenha sofrido um infarto leve, em 2013, em Frankfurt, na Alemanha, continua trabalhando e produzindo.



## O MENINO MALUQUINHO

Em 1980, Ziraldo lançou *O Menino Maluquinho*, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. O menino maluquinho é uma criança que vive com uma panela na cabeça. Alegre, sapeca, cheio de imaginação, adora aprontar e viver aventuras com os amigos.

Em 1981, o livro recebeu o “Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro”. Em 1989, começou a publicação da revista e das tirinhas em quadrinhos do personagem. A obra serviu de inspiração para adaptações no teatro, televisão, quadrinhos, videogames e cinema.

As histórias em quadrinhos foram publicadas pelas Editoras Abril e Globo, de 1989 a 2007. O livro original que inspirou a série se tornou um sucesso estrondoso, tendo vendido mais de três milhões de exemplares, descrevendo atividades que traduzem, liricamente, o sabor da infância.

Na grande obra infantil de Ziraldo, verso e desenho contam a história desse menino traquinas, sempre aprontando muita confusão. Alegria da casa, liderava a garotada, era sabido e um amigão. Fazia versinhos, canções, inventava brincadeiras. Tirava dez em todas as matérias, mas era zero em comportamento!

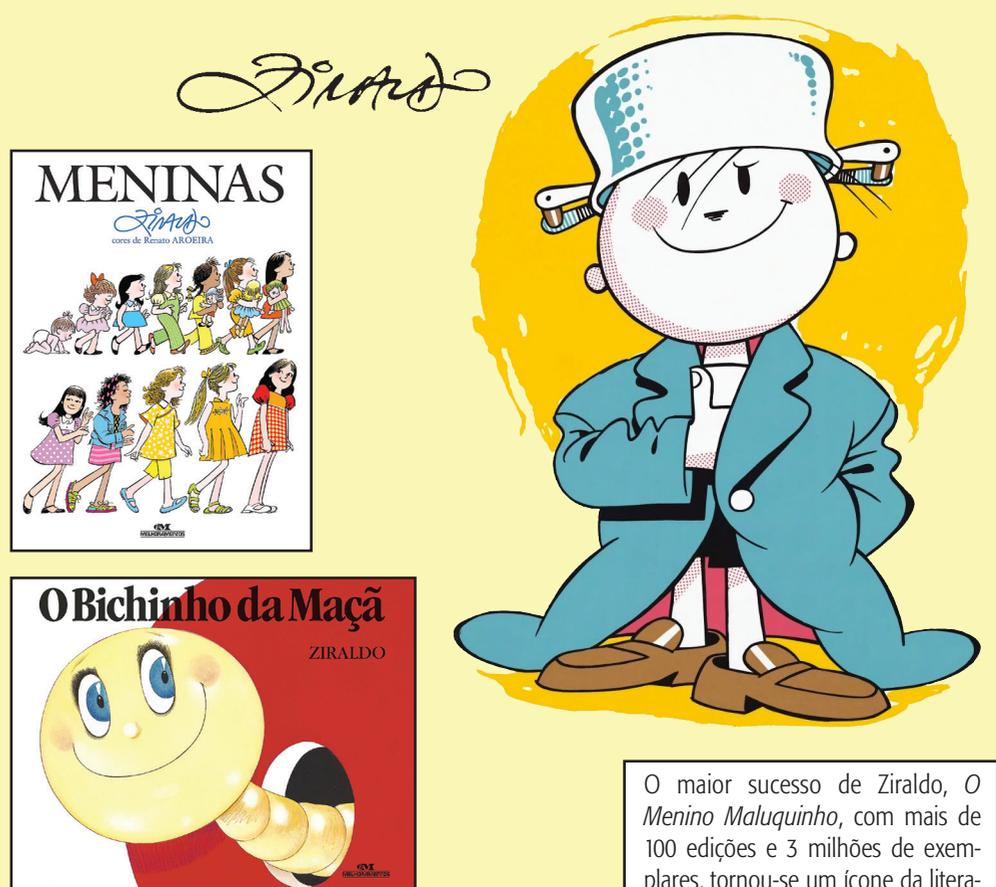
## CRIAÇÃO E CONCEPÇÃO

“Era uma vez um menino que tinha o olho maior que a barriga, fogo no rabo e vento nos pés.”

A frase abre o livro *O Menino Maluquinho*, que apresentou ao mundo um dos mais queridos personagens brasileiros, criado por Ziraldo no dia de seu 48º aniversário: 24 de outubro de 1980. Portanto, neste ano da Ciranda de Autores, o personagem completa 42 anos.

Ziraldo conta que a inspiração para criar o menino surgiu espontaneamente, enquanto ele fazia a barba e falava consigo mesmo olhando no espelho. Criado pelo cartunista tanto em texto quanto em imagem, Maluquinho rapidamente foi para as tiras e quadrinhos, onde ganhou turma. Destaque, inclusive, para sensível e espevitada Julieta, que ganhou até revista própria, na primeira década dos anos 2000.

Mas Ziraldo, do alto de sua modéstia, não considera *O Menino Maluquinho* um sucesso tão espetacular entre as crianças: “Em histórias em quadrinhos infantis, no Brasil, só o Maurício de Sousa conseguiu se firmar. Ele já faz parte do inconsciente coletivo. As crianças já conhecem Maurício, porque os pais já conheciam o Maurício”, afirmou Ziraldo em entrevista.



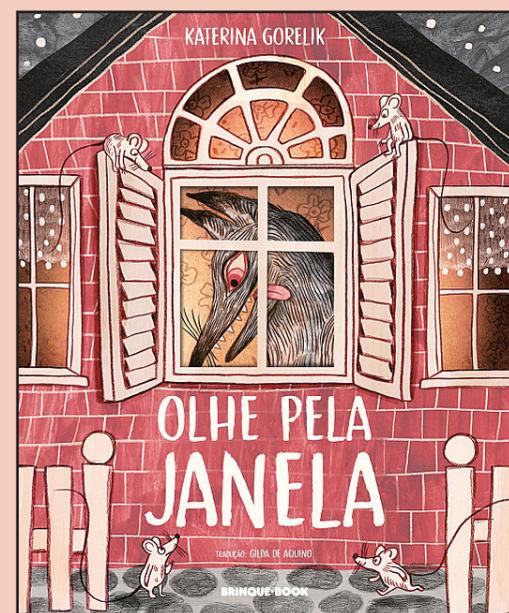
O maior sucesso de Ziraldo, *O Menino Maluquinho*, com mais de 100 edições e 3 milhões de exemplares, tornou-se um ícone da literatura infantil brasileira.

# Alegria, alegria!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Um livro atraente, onde uma janela (em recorte) é o personagem central. Será que o que vemos é o que acontece de verdade?

*Olhe pela Janela* – escrito e ilustrado por Katerina Gorelik e traduzido por Gilda de Aquino (Brinque-Book). Em formato grande e cheio de detalhes, esse atraente livro vai agradar aos pequenos. As situações proporcionam muitas interpretações bem divertidas. Quer saber mais? Olhe pela janela!



Em cuidadosa edição da Companhia das Letrinhas, em homenagem ao centenário do autor português José Saramago (1922-2010), dois contos extraídos de suas obras são apresentados ao público infantil.

Um dos maiores nomes da literatura portuguesa, Saramago (prêmio Nobel de Literatura em 1998) dizia que não sabia escrever para crianças. Para ele, o fantástico e o lúdico não estão desvinculados da vida real:

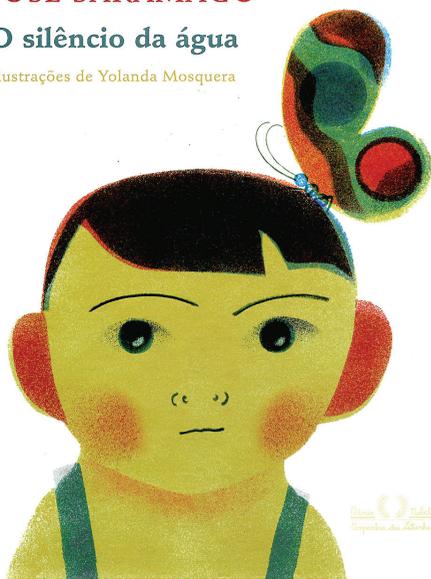
*O Silêncio da Água*, com ilustrações de Yolanda Mosquera – a experiência de um menino e um peixe. “Não creio que exista no mundo um silêncio mais profundo que o silêncio da água.”

*Uma Luz Inesperada*, ilustrado por Armando Fonseca – a narrativa, pelos olhos de um garoto, da aventura de ir com o tio à feira de Santarém. “E eu que só tinha doze anos, como já ficou dito, adivinhei que nunca mais veria outra lua assim. Por isso é que hoje me comovem pouco os luars: tenho um dentro de mim que nada pode vencer”.

**JOSÉ SARAMAGO**

**O silêncio da água**

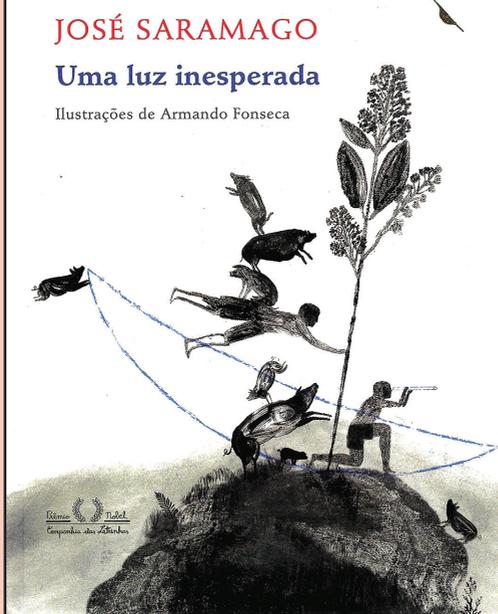
Ilustrações de Yolanda Mosquera



**JOSÉ SARAMAGO**

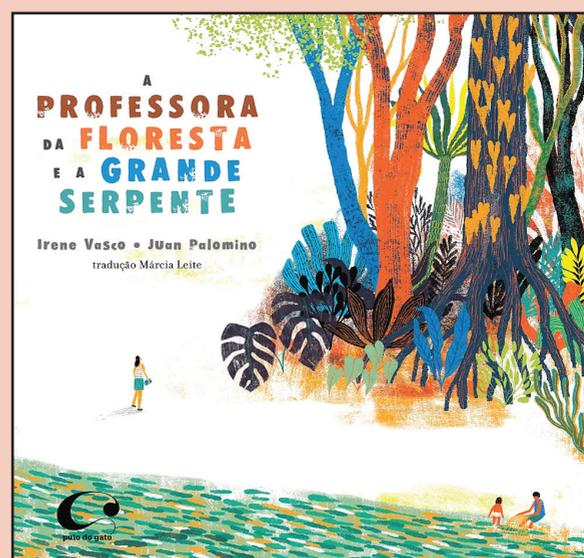
**Uma luz inesperada**

Ilustrações de Armando Fonseca



A Editora José Olympio completou 90 anos no dia 29 de novembro de 2021 e, para comemorar, apresenta várias reedições de clássicos e novos livros que trazem a chancela da data.

*Miguel Strogoff* – o correio do czar, foi lançado em 1876. O clássico de Júlio Verne recebe agora uma edição primorosa, com tradução e adaptação de Rachel de Queiroz. Encarregado pelo czar de entregar uma mensagem às tropas na Sibéria, Miguel enfrenta um caminho cheio de perigos. Ao final da jornada é recompensado com glória e amor.



Quem conhece o dia a dia de uma professora em lugares distantes sabe as inúmeras dificuldades que enfrenta. Assim começa a história deste livro lindo. Uma jovem professora que busca um lugar chamado Delícias, em plena Amazônia. Sua maior riqueza vai com ela: uma caixa de livros! Será?

*A Professora da Floresta e a Grande Serpente* – Irene Vasco escreveu, Juan Palomino ilustrou e Márcia Leite

traduziu (Pulo do Gato). Com as cores exuberantes da floresta, a obra resalta a importância do reconhecimento das histórias e da cultura de cada local. Como dizem alguns teóricos da educação: é importante verificarmos primeiro o que sabem e, a partir desses saberes, começar o trabalho. Muitas vezes, mais aprendemos do que ensinamos.

**Jon Agee**  
**EU QUERO UM CACHORRO**



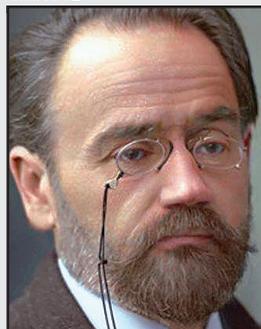
Uma história divertida sobre o encontro do animal de estimação e seu dono.

*Eu Quero um Cachorro* – texto e ilustrações de Jon Agee, tradução de Ana Tavares (Pequena Zahar). A menina está firme na sua decisão, ela quer um cachorro! Mas, são tantas as opções que são oferecidas... Afinal, que animal será que ela escolheu?

# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## ÉMILE ZOLA

(Paris, 2 de abril de 1840 – Paris, 29 de setembro de 1902) Consagrado escritor francês, considerado criador e representante da escola literária naturalista. Estudou no *Collège Bourbon*. Iniciou-se no ramo jornalístico escrevendo colunas para os jornais *Cartier de Villemessant's* e

*Controversial*. A obra *La Confession de Claude* (1865) atraiu atenção negativa da crítica especializada. Em vida, também demonstrou elevado engajamento político. Certamente, seu trabalho de maior influência política foi a carta aberta intitulada *J'accuse (Eu Acuso)*, destinada ao então presidente da França Félix Faure. *Thérèse Raquin*, seu primeiro romance, apresenta inúmeras inovações que o classificam como primeira obra naturalista. Zola combina algumas das teorias mais polêmicas de sua época, tais como darwinismo, evolucionismo e determinismo científico, compondo o primeiro *romance de tese* já escrito. Seu texto conhecido como *O romance experimental* (1880) é o manifesto literário do movimento. Iniciou, em 1871, seu grande projeto: a série *Os Rougon-Macquart (Les Rougon-Macquart)*, escritas entre 1871 e 1893. Entre os romances estão: *O Ventre de Paris (Le Ventre de Paris, 1873)*, *A Terra (La Terre, 1887)*, *Nana* (1880) e *Germinal* (1885). Escreveu uma série intitulada *As Três Cidades*, sobre problemas religiosos e sociais. Émile Zola faleceu em 29 de setembro de 1902 devido à inalação de uma quantidade letal de monóxido de carbono proveniente de uma lareira defeituosa; alguns estudiosos, em razão das misteriosas circunstâncias do ocorrido, não descartam a hipótese de homicídio.

acervo JL



## MARGUERITE DURAS

Pseudônimo de Marguerite Donnadiou (Saigon, atual Cidade de Ho Chi Minh, 4 de abril de 1914 – Paris, 3 de março de 1996). Romancista, novelista, roteirista, poetisa, diretora de cinema e dramaturga francesa, considerada uma das principais vozes femininas da literatura do

Século XX na Europa. Marguerite Duras nasceu em Gia Định, atual distrito de Binh Thnh em Saigon (atual Cidade de Ho Chi Minh), na colônia francesa da Cochinchina, sul do atual Vietnã. Sua família retornou à França, onde estudou Direito e também se tornou escritora. Decidiu mudar o sobrenome de *Donnadiou* para *Duras*, nome de uma vila do departamento francês de Lot-et-Garonne, onde se situava a casa de seu pai. É autora de diversas peças de teatro, novelas, filmes e narrativas curtas. Seu trabalho foi associado com o movimento chamado *nouveau roman* (novo romance) e com o existencialismo. Entre algumas de suas obras estão *O Amante*, *A Dor*, *O Amante da China do Norte* e *O Deslumbramento*. Também conhecida como a roteirista do filme "Hiroshima, meu amor", dirigido por Alain Resnais (premiado cineasta do movimento *nouvelle vague*), Duras também dirigiu filmes próprios, inclusive o conceituado "Índia Song" de 1976, muito embora sua carreira cinematográfica não atingisse o reconhecimento da literária nos meios intelectuais e acadêmicos. Outras obras suas foram adaptadas por outros diretores de cinema como *O Amante* de Jean-Jacques Annaud, no ano de 1992. Marguerite Duras faleceu aos 81 anos de idade em Paris, vitimada por um câncer. Foi sepultada no cemitério de Montparnasse.

acervo JL



## ILANA CASOY

(São Paulo, 16 de fevereiro de 1960) Criminóloga e escritora brasileira. Formou-se em Administração na Fundação Getúlio Vargas. Dedicou-se a estudar perfis psicológicos de criminosos, especialmente de *serial killers*. Ilana Casoy já publicou outros livros sobre crimes que

ficaram famosos no Brasil, como *A Prova é a Testemunha*, *Relato Inédito do Caso Nardoni*, e *O Quinto Mandamento – Caso de polícia*, sobre o assassinato do casal Richthofen. Colaborou com o site do canal Investigação Discovery entre 2012 e 2013. Atualmente, assina uma coluna na revista *Brasileiros*. A escritora dedica-se também à ficção. A especialista em crimes – que já fez um estágio na polícia científica – participou, a convite da Fox Brasil, da criação de um perfil do psicopata Dexter Morgan, anti-herói e protagonista da série que leva o seu nome e que se tornou uma das mais cultuadas dos últimos anos. Ilana Casoy atuou como colaboradora da série escrita por Gloria Perez e dirigida por Mauro Mendonça Filho, *Dupla Identidade*, exibida em setembro de 2014 na Rede Globo. Bruno Gagliasso interpreta um serial killer inspirado em Ted Bundy, cujo perfil é dissecado em *Serial Killers: Louco ou cruel?* Obras: *Serial Killer, Louco ou cruel* (Ediouro, 2008); *O Quinto Mandamento* (Ediouro, 2009); *Serial Killer Made in Brazil* (Ediouro, 2010); *A Prova é a Testemunha* (Lafonte, 2010); *Arquivos Serial Killers – Louco ou cruel?* e *Made in Brazil* (Darkside Books, 2014); *Casos de Família – Arquivos Richthofen e Arquivos Nardoni* (Darkside Books, 2016); *Bom Dia, Verônica* (Com Raphael Montes, 2016).

# Carta aberta ao senhor da guerra: Vladimir Putin

Por Peilton Sena\*

Reprodução de internet



Prezado Senhor,

É fato que ninguém sai vitorioso de uma guerra, ainda que ganhe todas as batalhas, conquiste territórios e cause sofrimento e morte a milhões de vidas humanas.

Aliás, ter sangue de inocentes nas mãos não é a melhor maneira de deixar um legado, entrar para a História ou sair de cena depois que as cortinas da existência se fecharem.

Não importa quantas vidas um homem tire. A sua inexoravelmente mais cedo ou mais tarde terá o seu encontro com a morte. Os senhores da guerra, incluindo o senhor, também serão cremados ou sepultados sob 7 palmas de terra.

Reprodução de internet



Não há honra em se fazer uma guerra, Sr. Putin. Principalmente quando ela pode ser evitada por meio do diálogo entre os povos.

Ainda há tempo: consulte sua consciência e o seu coração, e depois os seus ministros e os seus soldados. E se isso não for o suficiente para parar essa guerra, seja humilde e consulte DEUS! A PAZ é fruto de mentes e corações que subjagam o ego; o inimigo não está no outro, está em nós mesmos.

Não sei se o senhor tem esposa e filhos. Se os tem, lembre-se que do outro lado há centenas de pais que estão fugindo ou sendo mortos com as suas crianças.

Como humanidade trazemos em nosso currículo existencial dezenas de guerras. E eu me recuso a acreditar que o senhor, um homem culto e inteligente, já tenha esquecido dos horrores que o seu país e os demais enfrentaram durante a Segunda Guerra Mundial.

Por favor, Sr. Putin, em nome das crianças e dos idosos, dos jovens e seus sonhos, dos pais e seus filhos... não permita que mais uma vez a guerra com todo o seu cortejo de morte, lágrimas, sangue, luto e destruição ponha suas garras na face da terra.

Retorne ao diálogo: evite um derramamento de sangue e poupe a vida de milhares de inocentes.

O mundo não precisa de Chefes de Estado que enterrem a PAZ sob os escombros da guerra. Mas de líderes verdadeiramente humanos que façam da PAZ um caminho único para que todas as nações possam trilhar juntas.

Homens sábios, inteligentes e bons, substituem o campo de batalhas pela mesa de negociações. Ponha a mão na consciência e peça aos seus soldados que tirem as mãos do gatilho.

Use a sua voz e o seu coração para impedir que russos e ucranianos passem mais uma vez pelo inferno de um conflito armado, onde não importa o lado, não haverá vencedores, apenas vencidos: mortos ou vivos.

\*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP.



Por Zé Roberto

# arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com



## GREICE SILVA

A jovem artista Greice nasceu no dia 14 de abril de 1999, na cidade de Recife, em Pernambuco. Portadora de uma má formação na coluna chamada mielomenigocele – defeito congênito que atinge o desenvolvimento da medula espinhal de bebês em formação – a menina viu nas artes uma forma de amenizar as dificuldades do dia a dia. Enquanto aguardava ser atendida no tratamento médico e na fisioterapia, a desenhista estava sempre acompanhada de seu caderno de desenho, aproveitando os intervalos para exercitar. A partir de 2014, passou a ver o desenho como uma prática

além de um passatempo, e resolveu adotar a arte como sua atividade profissional. Sua primeira encomenda surgiu, despretensiosamente, quando uma de suas professoras solicitou a criação de um retrato. A partir deste momento, Greice sentiu-se encorajada e passou a se dedicar ainda mais. Autodidata, a jovem artista vem se desenvolvendo graças ao apoio incondicional dos pais que, sem poupar esforços, montaram uma bela estrutura com direito a um caprichado estúdio de artes, com prancheta e diversos materiais de desenho e pintura. Greice reconhece que ainda está longe da perfeição, mas vem praticando diversas técnicas que vê na internet e em livros, e já apresenta, mesmo sendo tão jovem, maturidade em seus desenhos.

Em 2016, Greice esteve na Escola Técnica Estadual Miguel Batista, Apipucos, Parque Urbano da Macaxeira, quando participou como palestrante contando sobre sua vida e como a arte vem sendo importante para sua formação. Poder exibir seus desenhos num data show, e responder perguntas dos alunos da escola que tomaram conta do auditório, fez aumentar ainda mais sua confiança e autoestima. Três anos depois, a jovem esteve na Escola São Caetano, no interior de Pernambuco, participando de uma palestra e, no mesmo ano, foi convidada pela Faber-Castell para exibir seus desenhos na Comic-Con, parceria que ainda renderá outras atuações no futuro.



Greice entre Carmen e Ana de Teffé.

Quem vê Greice caminhando, aparentemente frágil, com auxílio de muletas, pouco imagina que o que realmente a faz seguir em frente é o amor da família e a paixão pelas artes. Sonhando em cursar uma faculdade de Designer de Interiores, a desenhista vem socializando pelos canais do Youtube e participando regularmente de encontros de artes e exposições. A artista participou da mostra coletiva Nair de Teffé, a Primeira Dama da Caricatura, em março de 2018, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói. Na ocasião, Greice esteve no Rio de Janeiro, acompanhada de sua mãe, prestigiando a inauguração do evento, quando teve a oportunidade de conhecer Carmen de Teffé e Ana Alice de Teffé, filha e neta de Nair de Teffé, a Rian. Recentemente, durante o mês de março de 2022,

a desenhista também participou da exposição Divina Elizeth, que homenageou a saudosa cantora na bela galeria da Sala Carlos Couto, em Niterói.

As artes de Greice Silva podem ser acompanhadas no Instagram, no perfil @greicesilva\_art.

Saúde e Arte!



As versões jovem e idosa de Nair de Teffé na arte de Greice Silva.

Elizeth Cardoso por Greice Silva.



# A Semana de 40 anos! Parte II

Por Luiz de Aquino\*

## 1922 – A Semana de Arte Moderna e uma nova cidade na ponta da linha

*Neste ano de 1922, no salão da Pensão Central, no largo da Matriz, diverti-me com os comentários entre sorrisos dos leitores de um exemplar do Correio Paulistano. Era uma reportagem interessante, falando numa tal “arte moderna” que um grupo de escritores, músicos e artistas da pintura e da escultura e outros promoveriam na Pauliceia. E seria no mês que vem, quero dizer, fevereiro. Eu não preciso ler o jornal, pois basta que estejam próximos e já me informo de seu conteúdo; os leitores na pensão, porém, ficaram curiosos: o que é arte moderna? Se um quadro foi pintado hoje, ou se uma música foi composta ontem, é claro que é moderna. Sei não... – pensavam, intrigados, esses leitores.*

Um dos recém-chegados, justo o portador do grande jornal paulistano, resolveu esclarecer o tema. O homem, aparentando 30 anos, apresentou-se como “advogado e beletrista”, e começou a discorrer sobre o que vinha a ser a tal arte moderna: nas letras, o escape das formas tradicionais – na poesia, por exemplo, caiu o rigor das métricas e acentuações tônicas, como também as rimas seriam ignoradas ou até mesmo abolidas. No conteúdo, uma drástica transformação na contística, nos romances e também nos versos; qualquer assunto passa a ser interessante e digno da arte das belas letras. No desenho e na pintura, como na escultura, as formas seriam mexidas de modo radical! A figuração perderia muito de sua importância, as cores viriam intensas nos tons e nas variedades, o artista passa a desfrutar de sua plena liberdade criadora etc. e tal, e na música muita novidade viria, também, pois o admirado maestro Heitor Villa-Lobos era um dos mais animados dentre os participantes do importante evento.

Não faltou quem questionasse: mas isso vai continuar se chamando arte? O beletrista, em defesa de sua adesão ao tema, afirmava que sim; e como advogado, evocava o direito às liberdades da criação, pelo fim dos rigores escravagistas que cerceiam os voos da imaginação e exaltava “o abuso dos sonhos em seus voos sem limites”.

*Esse beletrista doutor em leis e processos foi meu escolhido nesse fim de tarde, começinho de noite. Ele próprio surpreendeu-se por tão espontânea e eficaz inspiração, buscando palavras apropriadas e de modo a ser bem compreendido por aquele público, no qual, sem dúvida, haveria pessoas sem alcance acurado ante um discurso pomposo; era preciso falar claro, de modo a ser bem compreendido e, convenhamos, era esse um dos propósitos nos argumentos de Oswald de Andrade.*

Na capital do Estado, a antiga Vila Boa que, agora, se chama Goiás (na escrita da época, Goyaz), uns poucos letrados destacam-se por seus feitos estampados em parques jornais locais. Nos primeiros anos do século, por volta de 1905, circulava até mesmo um jornal feminino, *A Rosa*, no qual destacavam-se duas meninas-moças, Leodegária (de Jesus) e Aninha (Ana Lins dos Guimarães Peixoto), poetisas.

Em 1922, poucos letrados – quase sempre advogados e alguns farmacêuticos, que, por extensão e necessidade da sociedade, eram também professores – praticavam as letras. Poucos eram também os artistas plásticos em lides de escultura e pintura; um grau de artesanato marcava os afazeres de costureiras, alfaiates e finalizadores das construções civis.

Lá em São Paulo, capital de província – depois Estado – importante na política e na economia desde os tempos coloniais, a vida cultural se agitava sob ações dos escritores Oswald e Mário, ambos de Andrade (sem parentesco), Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida, entre outros. Também de realce era a participação de vários artistas plásticos, como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e Tarsila do Amaral. O maestro Heitor Villa-Lobos há de ter sido a maior referência entre os músicos.

## 1922 em Goiás: um poema diferente, fora dos prumos românticos e parnasianos

Contudo, o movimento não atingiu Goiás. Soube-se do acontecido, comentou-se a novidade. A mudança – como toda mudança – amedronta; e amedrontou. Tanto é que, seis anos depois, o juiz de Direito Cylleneo de Araújo, ao publicar seu único livro (em vida), *Ontem*, foi tido como o pioneiro do modernismo em Goiás. Cylleneo, em seu ofício de poeta, construiu um codinome com um diagrama de seu prenome: Leo Lynce.

Nascido em Pouso Alto, recebeu o nome de Cylleneo Marques de Araújo Valle. No ano de completar o décimo aniversário, é internado no Seminário de Ouro Fino, pequena e importante localidade bem próxima a Vila Boa, capital do Estado. Em breve o seminário era transferido para Uberaba, em Minas; o menino segue para Bela Vista de Goiás, nova residência de sua família após a morte do pai. O menino – ele diz isso em um poema – teria herdado da mãe os dons que o levaram à escrita literária.

*Caldas Novas voltara a um estressante marasmo após a inauguração, em 31 de janeiro de 1921, da Ponte São Bento, que a aproximava da estação ferroviária de Ipameri. Alguns jovens como Oscar e Celso liam notícias sobre os artistas modernistas de São Paulo, mas não tinham nada a fazer senão trocar ideias entre si. E o coronel Bento, por volta de 1925, procurou seu adversário político Luís José Pereira e propôs-lhe uma sociedade, uma empresa para construir uma usina hidrelétrica que, em 1927, iluminaria a pequenina cidade das termas. E eu, na existência etérea, troquei o foco; percebi a inquietação daquele Cylleneo e não o perdi em minhas observações.*

Aos 15 anos, publica seus primeiros versos. Nesse mesmo ano, 1900, o jornalzinho de sua estreia deixa de ser desenhado e entra na fase impressa; Cylleneo cria um Grêmio Instrutivo, com rapazes (como ele) ávidos de conhecimentos; e passa a ser publicado nos jornais *Araguari*, *Gazeta de Uberaba* e *Lavoura e Comércio* (também de Uberaba). Fez-se, ao fim da adolescência, um peregrino sem receios, pronto a deslocar-se e adaptar-se a novos sítios e ares. Tais andanças por Goiás (ele gosta de escrever Goyaz) e outras terras, umas meio distantes, outras distantes demais, rendem-lhe um valioso conhecimento – o que se tem por autodidatismo. E o natural, em tais casos, é um aprendizado espontâneo, processo que assegura, mais que a memorização, a fixação indelével do que se viu (e se assimilou). Antes dos 20 anos, é nomeado Juiz Municipal para a Comarca de Bela Vista – que cobria uma grande área no Sul de Goiás, um Estado cujo território supera os 700 mil quilômetros quadrados e uma extensão superior a dois mil km, de Norte a Sul. Funcionário hábil em questões de terras, assume direções de jornais aos 21 anos e abrevia seu nome para Cylleneo de Araújo. Ato contínuo, adota o nome literário pelo qual se faz conhecido – Leo Lynce (anagrama de seu nome). Envolve-se em política, é perseguido, muda-se para o Rio de Janeiro, depois para Uberaba, retorna a Goiás e vive em várias cidades: Jataí, Palmeiras de Goiás, Catalão; eleger-se deputado e, na capital (Cidade de Goiás); começa o curso de Direito. Vive, por curto tempo, em Campos de Goitacazes, no Estado do Rio, e retorna a Goiás.

Vida muito ativa, pois, com intensa atividade no jornalismo e na Instrução. Em 1922, empolga-se com as notícias acerca da Semana de Arte Moderna – é nesse mesmo ano que produz o poema Goyaz (que não pode ter seu título mudado para a grafia Goiás, pela exaltação do Y na terceira estrofe. O poema, com estrofes ora de seis versos, ora de cinco e, ainda, com sete versos, tem nítida integração com os propósitos dos literatos do movimento, em especial com as ideias dos Andrade – Mário e Oswald.

## 1945 – Resolvi nascer, que a vida etérea impedia-me de praticar a escrita com grafite ou tinta sobre o papel

*Viriam outros tempos tediosos: um golpe político em 1930, uma efervescência em 1934, muito barulho em 1937 e, no final da década, uma guerra por demais sangrenta na Europa, com reflexos inevitáveis no Novo Mundo. O conflito teve reflexos amplos, chegando a perturbar a paz dos pachorrentos sertões de Goiás. Por tantas assim, decidi por outra coisa – materializar-me por estes cerrados e veredas, com prioridade para as tépidas águas das Caldas – as Velhas, as Novas e as de Pirapitinga.*

*Nasci, então.*

Alguns estudiosos entendem como marco da modernidade literária em Goiás como sendo 1928, ano da publicação do único livro, em vida, pelo autor: *Ontem*. O poema *Goyaz*, porém, foi escrito em 1922, nas proximidades de 9 de novembro – data de fundação da cidade de Pires do Rio, nascida em torno da nova estação “no fim da linha” da Estrada de Ferro Goiás.

Aqueles seis anos de intervalo entre *A Semana* e a publicação de *Ontem* foram ignorados pelos poetas locais, ainda fixados nas marcas do Romantismo e do Parnasianismo.

## Apenas 41 anos...

E a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, refletiu-se em 1922 na pena sensível de Leo Lynce, quando um pequeno grupo se reunia em torno de um obelisco para marcar o surgimento de uma nova cidade em ponta de linha férrea, nestes confins de Goiás; críticos e pesquisadores precisaram de um livro em 1928 para saber dessa estreia, que só encontra eco, de vez, a partir de 1963, com a surpreendente revoada de versos livres por um bando de jovens impertinentes que se identificavam como Grupo de Escritores Novos.

Ainda assim, e ainda desde 1963, não são raros os prosadores que insistem num linguajar anacrônico, com palavras em desuso desde os antecessores de Machado e Lima Barreto. Também ainda surgem poetas que elaboram uma narrativa curta o bastante para não passar de cinco linhas de prosa que, a esmo, são cortadas em supostos versos e espalhados na página – muitos deles, em nome de uma modernidade personalíssima que nada tem a ver com modernismo, sem pontuação e sequer com o uso de maiúsculas.

E a estes, surpreendentemente, retornam comentários e críticas feito *alvissaras* em tons de *retardos*, expondo críticos sem lastro intelectual nem apego à arte das letras. Menos ainda a princípios os mais *comezinhos* da Última Flor do Lácio, conceito que tais *beletristas* podem bem atribuir a Bandeira – ou a Neruda, sabe-se lá!

\*Luiz de Aquino é jornalista e membro da Academia de Letras de Goiânia.

# Novos Lançamentos

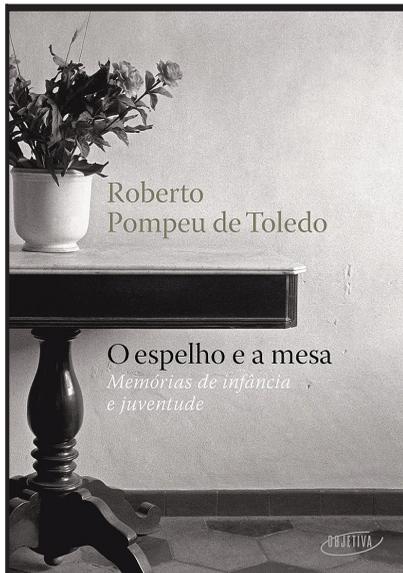
bethalmeida23@gmail.com



## ECOS DO PASSADO

Épico espacial repleto de intrigas políticas interplanetárias, de romance e de personagens inesquecíveis, o brilhante e envolvente *Órbita de Inverso* (Suma Editora), livro de estreia de Everina Maxwell, é best-seller do *Sunday Times* e tem tradução de Vitor Martins (autor de *Quinze Dias e Um Milhão de Finais Felizes*). Príncipe Kiem, neto da Imperadora de Iskat, é um jovem que nunca precisou provar seu valor. Agora, no entanto, ele é intimado a fazer algo de útil: casar-se com conde Jainan, representante de Thea, para impedir que o planeta vassalo inicie uma rebelião contra o Império. A situação, porém, não é tão simples quanto parece. Jainan já havia se casado antes, com o primo de Kiem, o que garantiu por um tempo o elo entre Thea e Iskat, mas algo deu errado: seu marido morreu em um trágico acidente. Kiem não quer se casar. Jainan não quer um novo marido. Mas, uma vez juntos, eles terão de enfrentar as intrigas da corte, as maquinacões da guerra e os ecos do

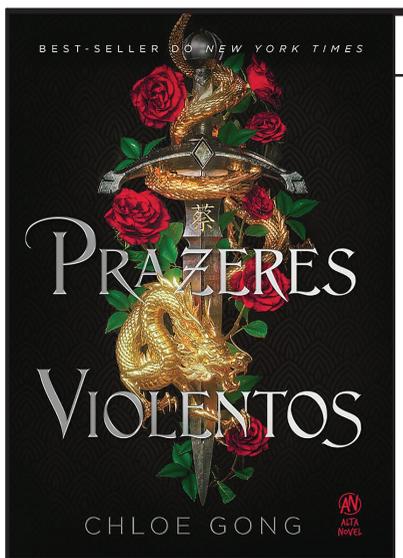
passado, em uma conspiração que pode acabar com tudo o que acreditam. O par improvável entrará em uma jornada épica para salvar o império – e a si mesmos. Everina Maxwell cresceu em Sussex, no Reino Unido, perto de uma biblioteca, onde passava todo o seu tempo livre devorando obras de ficção científica e fantasia. Atualmente, ela mora e trabalha em Yorkshire, na Inglaterra. *Órbita de inverno* é seu livro de estreia. Siga a autora nas redes sociais: @av\_stories (Twitter) | @everina\_maxwell (Instagram)



## HERANÇA

Na fronteira entre a autobiografia e a ficção, esse quase-romance *O espelho e a mesa* (Editora Objetiva), narra histórias de família lembradas por meio de objetos herdados por Roberto Pompeu de Toledo. Em um saboroso e refinado texto, acompanhamos a formação do jornalista e suas reflexões sobre o que sobrevive ao tempo. Um relato afetuoso que ressoa em nossas próprias memórias. Quando adolescente, anotava num caderno as frases e poemas que mais o impactavam. Hoje, registra aqui suas lembranças e reflexões. Um espelho, um piano, uma águia de bronze, uma escrivadinha, fotografias, bilhetes e cartas – por meio desses tantos objetos que guardou consigo, o autor dribla o inexorável fluxo do tempo, revivendo histórias de pais, tias e tios, avós, amigos, professores. Em sua prosa fina, eventos políticos e sociais vão se desenrolando como pano de fundo dessas inúmeras trajetórias. Aqui, realidade e imaginação andam de braços dados. Se a memória ou o incansável trabalho

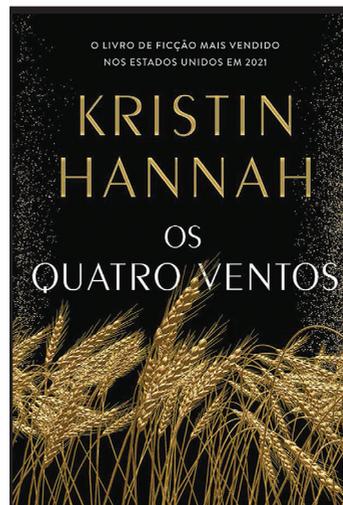
de pesquisa falham, Roberto Pompeu completa as lacunas imaginando os anseios, expectativas e motivações de seus personagens. Em busca dos vestígios de um tempo que não mais retornará, mas que ainda espanta e se revela a quem se dispõe a recuperá-lo, Roberto Pompeu compõe uma obra tocante. Roberto Pompeu de Toledo trabalhou nas revistas IstoÉ e Veja e nos jornais: *Jornal da Tarde* e *Jornal do Brasil*. Entre seus livros publicados estão: *A capital da solidão* (2003) e *A capital da vertigem* (2015).



## ROMANCE E TRAIÇÃO

*Prazeres Violentos* (Alta Novel) de Chloe Gong, com tradução de Rafael Surgek, traz uma criativa releitura de *Romeu e Julieta* na Xangai de 1920, com gangues rivais e um monstro nas profundezas do Rio Huangpu. O ano é 1926, e Xangai responde à melodia da devassidão. Uma disputa sangrenta entre duas gangues tinge as ruas de vermelho, deixando a cidade totalmente indefesa, nas mãos do caos. No coração disso tudo está Juliette Cai, uma jovem de dezoito anos e ex-melindrosa que voltou para assumir seu posto como a orgulhosa herdeira da Sociedade Escarlate – uma organização criminosa muito acima da lei. Seus únicos rivais à altura são os Rosas Brancas, que combateram os Escarlates por gerações. Por trás de cada uma de suas ações está seu herdeiro, Roma Montagov, o primeiro amor de Juliette... e seu primeiro traidor. Entretanto, quando gangsteres de ambos os lados dão sinais de instabilidade, culminando no ato de dilacerar o próprio pescoço,

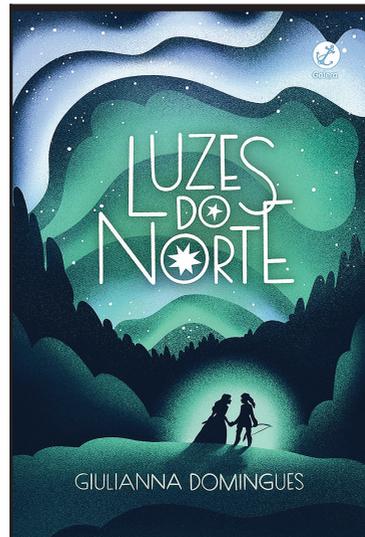
as pessoas começam a murmurar. Sobre uma epidemia, um surto. Sobre um monstro nas sombras. À medida que as mortes aumentam, Juliette e Roma precisam deixar suas armas – e seus rancores – de lado e trabalhar juntos. Afinal, se não puderem impedir essa catástrofe, não sobrá cidade alguma para dominarem. Chloe Gong é a autora mais jovem a ter o seu romance de estreia, *Prazeres Violentos*, na lista de best-sellers do *New York Times* por mais de vinte semanas consecutivas. A sequência da trilogia, *Our Violent Ends* está finalizada, e, além disso, há mais uma obra a caminho.



## SOBREVIVÊNCIA

Com o estilo apaixonante de Kristin Hannah e tradução de Claudio Carina, *Os Quatro Ventos* (Editora Arqueiro) é uma história sobre resiliência e a força do espírito humano para sobreviver à adversidade, vista pelos olhos de uma mulher cujo sacrifício e cuja coragem representam toda uma geração. Texas, 1921. Passada a Grande Guerra, uma nova era de abundância parece surgir no horizonte. Mas, para Elsa Wolcott, considerada velha demais para se casar numa época em que o matrimônio é a única opção das mulheres, o futuro parece sombrio. Até a noite em que conhece Rafe Martinelli e decide mudar o rumo de sua vida. Treze anos depois, o mundo é bem diferente: milhões estão desempregados devido à Grande Depressão e à seca que devasta as Grandes Planícies, dizimando plantações e provocando tempestades de areia. Tudo está morrendo na fazenda Martinelli, inclusive o casamento de Elsa e Rafe,

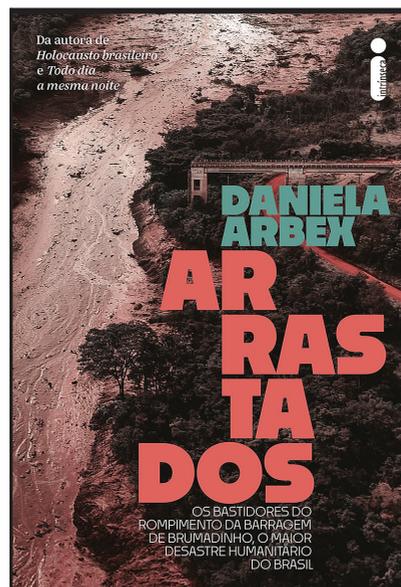
e cada novo dia é uma batalha pela sobrevivência. Nesse momento incerto e perigoso, ela deve fazer uma escolha angustiante: lutar pela terra que tanto ama ou deixar tudo para trás e partir para o Oeste, rumo ao desconhecido, em busca de uma vida melhor para sua família. Kristin Hannah é autora de mais de 20 livros, que foram traduzidos para 43 idiomas e venderam mais de 15 milhões de exemplares no mundo. Ela largou a advocacia para se dedicar à sua grande paixão: escrever. Pela Editora Arqueiro, já publicou também *Tempo de Regresso*, *A Grande Solidão*, *As Coisas que Fazemos por Amor*, *As Cores da Vida*, *O Caminho para Casa* e *Quando Você Voltar*.



## ESCOLHAS

*Luzes do Norte* (Galera Record) é o livro de estreia de Julianna Domingues, uma aventura intensa e cheia de reviravoltas, com uma protagonista que se recusa a jogar pelas regras dos outros. Entre ursos assustadores, florestas nevadas, mistérios e intrigas, Dimitria tem uma única missão: proteger Aurora van Vintermer. Custe o que custar. Dimitria Coromandel é uma caçadora excepcional, a melhor da região, e, após a morte dos seus pais, se tornou a base para o sustento de sua pequena família. Para ela, o peso da responsabilidade e a necessidade de conseguir dinheiro são os impulsos de sua movimentada rotina, e, no inclemente inverno de Nurensalem, ela precisa caçar durante o dia se quiser trazer comida para a casa à noite. No entanto, quando fisga a atenção de Bóris van Vintermer, patriarca da família mais rica do local, sua realidade começa aos poucos a se transformar. Requisitada para desempenhar funções de chefe da guarda de Aurora, primogênita da abastada família Van

Vintermer, Dimitria tem seu dia a dia significativamente alterado: agora, ela precisa acompanhar Aurora em suas obrigações e, acima de tudo, protegê-la de todo e qualquer contratempo. Seria perfeito: atribuições simples em troca de um farto pagamento. A novidade cai como uma luva também para Gui, seu irmão e apaixonado em segredo por Aurora desde a mais tenra infância. Para ele, o estreito contato entre elas pode representar uma chance de ser notado pela herdeira e, talvez, uma oportunidade de conquistar seu coração.



## DESASTRE

No dia 25 de janeiro de 2019, às 12h28, a B1, barragem desativada da Mina do Córrego do Feijão, explorada pela mineradora Vale na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, rompeu. Seus rastros de casas de extração de lama estendem-se por mais de 300 milhas, torres de transmissão, trens de carga, pontes, árvores, levando animais e, na contagem oficial da tragédia, a vida de 270 pessoas (ou 272), considerando como gestantes entre os mortos). Jornalista investigativa premiada, a mineira Daniela Arbex foi a campo para reconstituir em detalhes as primeiras 96 horas da tragédia. Ela entrevistou sobreviventes, familiares das vítimas, bombeiros, médicos-legistas, moradores e moradores das áreas atingidas. Arbex retornou para a região para acompanhar os impactos institucionais para retorno à região dos danos materiais. Além da escrita da autora, que reconstituiu a trajetória das vítimas e dos trabalhos de resgate com toda a brutalidade da tragédia, mas ao mesmo tempo com extrema delicadeza,

*Arrastados* (Editora Intrínseca) traz fotografias que ajudam a dimensionar e humanizar a tragédia. Novamente, Daniela Arbex constrói memória e impede que mais uma catástrofe brasileira se perca em meio à banalidade do noticiário cotidiano. Daniela Arbex é autora do best-seller *Holocausto Brasileiro* (2019), *Cova 312* (2015) e é seu também *Todo Dia a Mesma Noite*, livro de 2018 que narra a história não contada da boate Kiss.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

# Aprendizagem, a solução para os “nem-nem”

Por Humberto Casagrande\*

Sem perspectiva no mundo do trabalho ou nos estudos, milhões de jovens brasileiros sobrevivem entre subempregos e ajuda financeira dos pais. A pandemia piorou ainda mais essa realidade, com mais 800 mil pessoas tornando-se “nem-nem”, ou seja, aqueles jovens que não estudam e não trabalham. Infelizmente, a expressão significa que temos hoje o número estonteante de 12,3 milhões de jovens nessa condição, segundo a consultoria IDados. Não é concebível que o país continue a conviver com esta realidade.

É urgente o fortalecimento de iniciativas como a Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000), responsável por dar alento aos jovens entre 14 e 24 anos incompletos em situação de vulnerabilidade social, combatendo a evasão escolar e o trabalho infantil. Criado há mais de 20 anos, o programa tem mostrado a capacidade de se ajustar a novidades, como no Ensino Médio integral. Nesse caso, representado pelo itinerário formativo simbolizado pela letra “V”, voltado para a formação

técnica e profissional, o programa é uma possibilidade de aumentar o número de aprendizes resguardados pela premissa do ensino teórico associado ao ensino prático, e a permanência nos bancos escolares.

Com foco nessa perspectiva, o CIEE se uniu a outras entidades para a construção do Fórum da Juventude pela Educação. O grupo entende que, embora representativo, o contingente atual de 470 mil aprendizes em todo país – dados do Caged –, está longe do ideal.

Mas a aprendizagem nos prova que a resposta a esse número ainda reduzido está ao nosso alcance. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha mostrou que ao menos 43% dos egressos da aprendizagem estão cursando nível superior, média maior do que a nacional. A cada quatro egressos, três não integram mais o grupo “nem-nem”. Além disso, ao menos 93% deles concordam totalmente que o estudo é o melhor caminho para a realização profissional.

Já um levantamento feito pela FIPE, demonstrou que o programa impulsiona a economia com o volume de renda dos aprendizes chegando a R\$3,26 bilhões, impactando direta e indiretamente o PIB em R\$7,9 bilhões, considerando números de 2017. Entretanto, atualmente, os estados convivem com uma média de 2% de aprendizes contratados, longe da cota mínima de 5% estabelecida por lei.

É preciso aliar investimentos em educação e empregabilidade. Essa cruzada começa no Congresso Nacional, onde o Projeto de Lei 6494/19 tramita com o propósito de instituir o novo estatuto da aprendizagem, e perpassa ações contundentes na esfera empresarial. Apenas assim, e não por um protagonismo moldado por promessas, será possível ofertar mais oportunidades aos jovens.

\*Humberto Casagrande, CEO do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE.

## O vestido que não usei

Por Gabriel Chalita

Compramos um vestido azul com um discreto decote e uma altura razoável, para não desabrigar os joelhos nem deixar tudo impossível de ver. Ele foi comigo.

Tadeu sempre teve a paciência das horas e a delicadeza da compreensão das imperfeições do outro. Eu abracei a insegurança, desde sempre, e por isso me perdia nos medos das opiniões. Experimentei várias vezes. De vários tamanhos. De cores mais quentes até um branco que me pareceu um pouco demais para aquele dia. Tadeu olhava, concordava, e dizia, sem oferecer nenhuma falsidade, que eu estava linda. O azul era, de fato, o mais bonito.

O meu corpo nunca foi modelo para admiradores exigentes, era o que eu pensava até conhecer Tadeu. Os anos ao seu lado desobrigaram perguntas que eu, antes, fazia em excesso. Sei que a paz é mais uma conquista interna do que um oferecimento de algum alguém. Mas era ele um lugar de paz. Deixei manias de lado, aposentei ansiedades, entreguei o que podia para eternizar nosso amor. O tempo foi desmentindo os meus medos e provando que os seus defeitos não estavam escondidos. Simplesmente, ele era quem ele era.

Outras relações, antes de Tadeu, arranharam a confiança que se deve ter nos humanos. Eu era arredia. Medrosa de revelações. Cuidadosa no pisar em território aparentemente tão sagrado. Fomos vivendo e nos aconchegando no amor.

Um dia, ele me olhou com a mesma sinceridade e anunciou a partida. Um outro amor acendeu nele a paixão. Ouvi a despedida e chorei para dentro. Ele disse que jamais viveria uma mentira. Eu me debulhei em dor sem nada dizer. “Foi lindo”, foram suas duas últimas palavras e saiu. Saiu chorando. Por que saiu, então?

Poucos detalhes, em respeito a mim, deu ele sobre a nova mulher. As inseguranças todas saíram dos baús há tempos guardados. Sofri dias e dias aguardando um aviso de que se tratava de um pesadelo, apenas. Tadeu é bem mais novo do que eu. Conheceu ele uma mulher mais próxima de sua idade? Melhor não saber.

O espelho que já tinha se feito amigo agora me avisava dos fracassos. O corpo imperfeito combinava com as imperfeitas rugas que me explicavam o fim da juventude.

Passei meu aniversário sem ele. Apenas um cartão com os dizeres: “O amor encontra novas formas de amar.” Entendi que era um pedido de amizade. Disse nada. Chorei relendo a sua letra que, em mim, escreveu, um dia, tanta felicidade.

O tempo vai suavizando o triste ou o bonito e, em um dia comum, desabrochou, novamente, a demorada flor do amor. Felipe me quis na primeira noite. Artista das palavras, me emprestou novo sorriso. Curioso, mergulhou nos meus gostos, e me surpreendeu. Estamos juntos, há poucos meses. Ele ainda não me tem por inteira. Meus pensamentos divagam naquele homem perfeito que me deixou. Será ele perfeito mesmo ou será a distância um esconderijo de erros?

Passei todo esse tempo sem encontrar Tadeu. Encontrei-o exatamente no dia em que olhei para o armário e me lembrei de que nunca havia usado o vestido azul. Saí sozinha, procurando alguma paz para um dia tão quente. Felipe havia me pedido em casamento. Eu havia aceitado, cheia de dúvidas. Foi assim que vi Tadeu. Sem marcarmos dia ou lugar. Na caminhada. Ele chorou, enquanto dizia que era o céu que nos abrigava ali. Pediu perdão pela partida. Disse que precisava saber quem realmente amava e que, agora, sabia.

Nove meses se passaram daquele triste dia. Eu chorava, dessa vez para fora. Chorava e não conseguia dar nome, era tristeza, era alegria, era alívio? Apenas dei um abraço e o beijei no rosto. Nossas lágrimas se misturaram e eu vi um detalhe da dor descendo pelo vestido azul. Não posso falar em perdão, nunca consegui conviver com a raiva. Tive a dor da troca. A angústia do abandono. Mas a docilidade dele me impediu qualquer sentimento menor.

“Você não vai me dizer nada, meu amor?”, disse ele nas delicadas palavras tentadoras de uma nova história. Eu apenas autorizei o choro a prosseguir e prossegui pela calçada da minha vida. Enquanto ando, percebo as gotículas de dor secando em mim.

# Neila Alckmin, uma pitonisa brasileira

Por José Carlos Gentili\*

Vaticinar significa realizar vaticínios, prever o futuro, antecipar conhecimentos que ainda irão acontecer, vislumbrar as janelas do Amanhã, atravessando a névoa do incognoscível.



José Carlos Gentili e a vidente mineira Neila Alckmin (1929-1996), em Conceição de Rio Verde, em 1988.

Os seres humanos em seus processos civilizacionais sempre procuraram as artes divinatórias com a expectativa de poder alterar as vivências dos mortais, buscando no universo da imortalidade uma verossimilhança, na

versão mitológica dos deuses e semideuses.

Extraordinária cerebração do Além, verdadeira metamorfose dos ciclos da vida, a observar os ritos de passagem, indevassáveis e ritualísticos.

O que move este proceder milenar?

Sem dúvida, o móvel é a curiosidade humana!

Diz-nos a mitologia grega, que Hera, esposa de Zeus, filha de Cronos e Réia, levou 300 anos para aceitar seu consorte, até desposá-lo finalmente, ciente que o sedutor, todo poderoso, era um mulherengo do Olimpo. Foi

seduzida, a protetora do casamento, da fidelidade e das mulheres casadas. Haja ciúme e curiosidade conjugal! O eterno querer saber das andanças masculinas.

Dionísio, Deus do libido, também conhecido como Baco, criador dos bacanais romanos (não confundir com o ilustre e recatado escritor Deonísio da Silva), marcou época na Antiguidade.

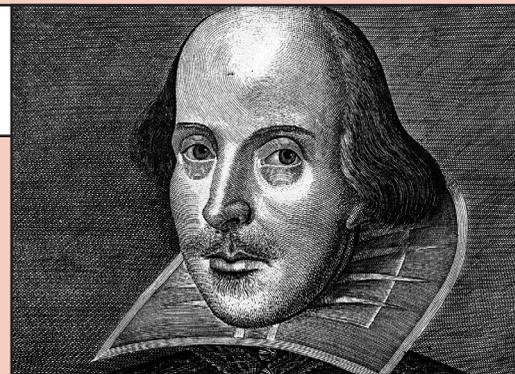
Assim, os pobres mortais sempre procuraram as pitonisas em seus oráculos, célebres como o de Apolo, em Delfos, na Grécia Antiga; a feitio do Oráculo de Ámon, na Líbia; do Oráculo de Zeus, em Olímpia; afim de que pudessem conhecer o futuro de suas existências.

O Brasil, paraíso tupiniquim, não fugiu à regra mitológica, com o advento da sacerdotisa mineira Neila Alckmin, famosa médium vidente de Conceição do Rio Verde, que exerceu extraordinário fascínio perante os políticos brasileiros, inclusive JK, fundador da Capital Federal.

A casa de Neila, no sul de Minas Gerais, tornou-se polo de romaria nacional de brasileiros e estrangeiros, que procuravam receber premonições para dirimirem suas questões, entre eles o Governador do Pará, à época Jader Barbalho, em companhia de quem voltou-se para Brasília, de carona, em seu jatinho Lear Jet.

"Há mais coisas entre o céu e a terra, horário, do que possa imaginar tua vã filosofia." (Hamlet; William Shakespeare (23/04/1616).

Lá estava, também, José Correia Gomes, o Grande Orador das Grandes Lojas do Distrito Federal, tribuno de escol, senhor de vastíssimo conhecimento acerca da espiritualidade, quando relembrou William Shakespeare, o vate de Stratford Upon on Avon.



\*José Carlos Gentili é escritor, membro da Academia de Ciências de Lisboa e presidente perpétuo da Academia de Letras de Brasília.

## Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



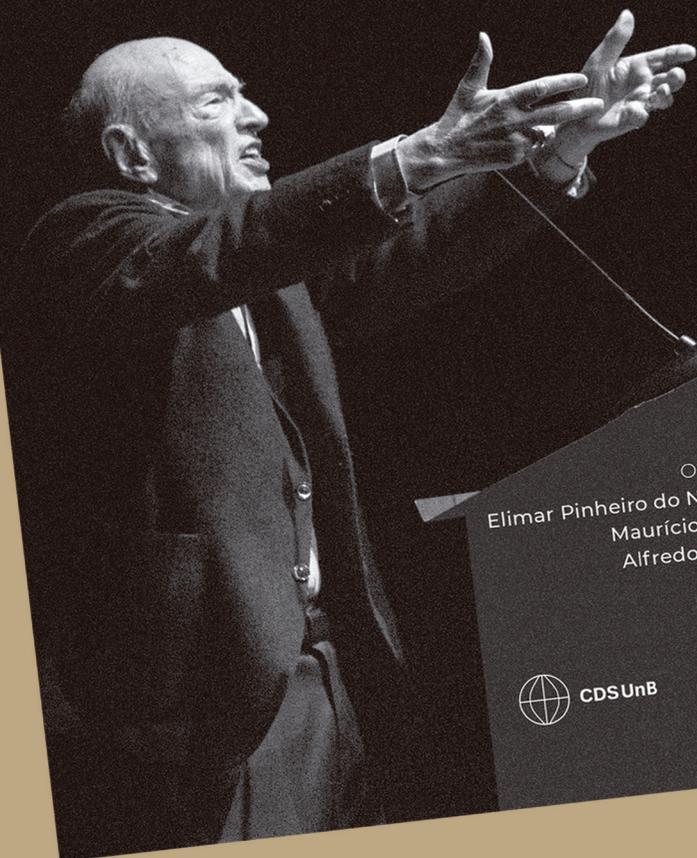
Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



# EDGAR MORIN

## HOMEM DE MUITOS SÉCULOS

Um olhar latino-americano



Organização  
Elimar Pinheiro do Nascimento  
Maurício Amazonas  
Alfredo Pena-Vega



edições  
**SESC**

# LANÇAMENTO

### MEMÓRIAS

Danilo Santos de Miranda  
Luis Carrizo  
Edgard de Assis Carvalho  
Cristovam Buarque  
Marina Silva  
Vanessa Maria de Castro

### NOTAS SOBRE MORIN NA AMÉRICA LATINA

Enrique Luengo González  
Rubén Fontalvo  
Teresa Salinas  
Alfredo Pena-Vega

### ENSAIOS E ANÁLISES CRÍTICAS

Guillermo Díaz Muñoz  
Alessandra Bortoni Ninis  
Oswaldo Luiz Ribeiro  
Juan Moreno Lobón  
José Eli da Veiga  
Paula Stroh  
Carlos Eduardo Maldonado  
Jaime Retamal S.  
Daniele Saheb Pedroso & Michelle Jordão Machado  
Celso José Martinazzo & Sidinei Pithan da Silva  
Jolemia Cristina Nascimento das Chagas



## EDGAR MORIN | HOMEM DE MUITOS SÉCULOS

### Um olhar latino-americano

Elimar Pinheiro do Nascimento, Maurício Amazonas e Alfredo Pena-Vega (org.) | Edições Sesc | apoio: CDSUnB

*"(...)A capacidade de Morin de se envolver em momentos-chave da história chama a atenção: atuação em organização antifascista durante a Guerra Civil Espanhola, ainda com 15 anos; aproximação conceitual e programática do marxismo; participação na Resistência Francesa durante a ocupação nazista e na libertação de Paris; rompimento com o Partido Comunista; acompanhamento atento das manifestações de maio de 1968; cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para pensar os caminhos da educação; publicação de críticas relativas aos impasses geopolíticos; posicionamento assertivo acerca das mudanças climáticas e, mais recentemente, a leitura em tempo real dos impactos da pandemia causada pelo Sars-CoV-2. Difícil não se encantar com esse comprometimento! (...)"*

Danilo Santos de Miranda IN "Sábios incertos caminhos, cem anos"

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)



edições  
**SESC**